



Universidade de Cruz Alta

Pedro Henrique Müller Amorim

**A formação e atuação do sujeito sacoleiro vendedor de produtos oriundos
do Paraguai no município de Cruz Alta - RS na perspectiva da Análise do
Discurso de linha francesa (AD)**

Dissertação de Mestrado

Cruz Alta - RS, 2017

Pedro Henrique Müller Amorim

A formação e atuação do sujeito sacoleiro vendedor de produtos oriundos do Paraguai no município de Cruz Alta - RS na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (AD)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth Fontoura Dorneles

Cruz Alta – RS, junho de 2017

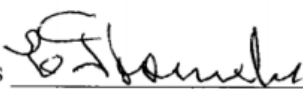

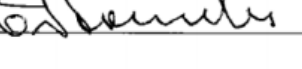
Universidade de Cruz Alta – UINCRUZ
Programa de Pós – Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social /
Mestrado.

**A formação e atuação do sujeito sacoleiro vendedor de produtos oriundos
do Paraguai no município de Cruz Alta - RS na perspectiva da Análise do
Discurso de linha francesa (AD)**

Elaborado por
Pedro Henrique Müller Amorim

Como requisito parcial para obtenção do
Título de Mestre em Práticas Socioculturais e
Desenvolvimento Social.

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Elizabeth Fontoura Dorneles		UNICRUZ
Profª. Drª. Darlene Arlete Webler		FURG
Profª. Drª. Maria Cleci Venturini		UNICENTRO

Cruz Alta – RS, 23 de junho de 2014.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por tudo que me proporciona;
Aos meus pais, pelos princípios que sempre me ensinaram;
Minha esposa, a base para todas minhas conquistas como pessoa e profissional;
Minha orientadora pelo comprometimento e responsabilidade com que me fez pensar e agir na
construção da dissertação;
Por fim a todos aqueles que sempre acreditaram que eu conseguiria.

“Quando eu andar sem minha consciência e sabedoria que minha teimosia e persistência me
guiem até onde eu quiser chegar”
(Pedro Amorim)

RESUMO

A formação e atuação do sujeito sacoleiro vendedor de produtos oriundos do Paraguai no município de Cruz Alta - RS na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (AD)

Autor: Pedro Henrique Müller Amorim
Orientadora: Prof^ª. Dr. Elizabeth Fontoura Dorneles

Esta pesquisa tem como objeto de investigação a formação e a atuação do sujeito sacoleiro no município de Cruz Alta - RS. A dissertação decorre de questionamentos do autor acerca da existência de novas identidades sociais que se apresentam na sociedade brasileira, entre elas está o sacoleiro. Apresenta como objetivo principal demonstrar como se constitui o cidadão em sujeito sacoleiro em Cruz Alta. A pesquisa se faz dentro dos pressupostos e procedimentos da Análise do Discurso de Linha Francesa - AD. Situa os acontecimentos históricos que levam ao surgimento do sacoleiro, às condições de produção na formação social capitalista. Dadas as condições de produção, trata da constituição do sujeito sacoleiro como condição para a assunção de diferentes posições sujeito. Apresenta as influências que a ideologia, a partir dos Aparelhos Ideológicos de Estado e dos Aparelhos Repressivos de Estado, exerce sobre a constituição do sujeito sacoleiro. A conclusão deste trabalho é que o sujeito sacoleiro é orientado pela ideologia dentro de condições sociais capitalistas, o que acaba forçando-o a adotar um modo de vida ilegal, reprovado e não seguro para sua sobrevivência.

Palavras-Chave: Análise do Discurso. Capitalismo. Ideologia. Sacoleiro

ABSTRACT

The formation and acting of the peddler citizen, seller of products from Paraguay in Cruz Alta - RS from the perspective of the French Speech Analysis (AD)

Author: Pedro Henrique Müller Amorim
Advisor: Prof. Dr. Elizabeth Fontoura Dorneles

This research has as object of investigation the formation and the acting of the peddler subject in Cruz Alta - RS. The dissertation arises from questions of the author about the existence of new social identities that are present in Brazilian society, among them is the peddler. It presents as main objective to demonstrate how the citizen is constituted in a peddler subject in Cruz Alta. The research is done within the assumptions and procedures of the Speech Analysis of French Line - AD. It situates the historical events that lead to the rise of the peddler, the conditions of production in the capitalist social formation. Given the productions conditions it deals with the constitution of the peddler subject as a condition for the assumption of different subject positions. It presents the influences that the ideology, from the Ideological Apparatus of State and the Repressive Apparatus of State exert on the constitution of the peddler sort. The conclusion of this paper is that the peddler subject is ideologically oriented within capitalist social conditions, which ends up forcing them to adopt an illegal, unsuccessful and unsustainable way of life for their survival.

Keywords: Speech Analysis. Capitalism. Ideology. Peddler.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
AIE	Aparelho Ideológico de Estado
AIEs	Aparelhos Ideológicos de Estado
BR	Brasil Rodovias
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
DAER	Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem
DNIT	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte
E	Entrevistador
FD	Formação Discursiva
FDs	Formações Discursivas
FDS	Formação Discursiva Sacoleiro
FI	Formação Ideológica
FSC	Forma Sujeito Capitalista
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
PIB	Produto Interno Bruto
PS	Posição Sujeito
PSs	Posições Sujeito
PSS	Posição Sujeito Sacoleiro
RTU	Regime de Tributação Única
SD	Sequência Discursiva
SDs	Sequências Discursivas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Texto-imagem 1 - Rota percorrida pelo sacoleiro de Cruz Alta, no Brasil, até Ciudad del Este, no Paraguai ou vice-versa.

Texto-imagem 2 - Mapa demonstrativo da rota que os bandeirantes percorriam em outros tempos.

Texto-imagem 3 - Metáfora de funcionamento da infraestrutura, superestrutura e ideologia.

Texto-imagem 4 - Demonstração da apreensão de mercadorias e fiscalização pelo Aparelhos Repressivos de Estado – AREs.

Texto-imagem 5 - Acontecimento da Entrada do sacoleiro em Ciudad del Este – Paraguai.

Texto-imagem 6 - Multiposicionamentos do sacoleiro.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	15
3 ACONTECIMENTOS E EMERGÊNCIA DO SACOLEIRO.....	23
3.1 Acontecimento factual histórico	23
3.1.1 O início lá fora – origem histórica de Ciudad del Este - Paraguay	24
3.1.2 A travessia da Ponte da Amizade – pegando a BR até Cruz Alta/RS	30
3.2 Sacoleiro – Sujeito (dominado) pelo Estado	32
3.3 Superestrutura e Infraestrutura e o posicionamento do Sacoleiro	37
4 CONCEITOS ESSENCIAIS PARA A ANÁLISE.....	42
4.1 A Ideologia: a ligação com o todo e o tudo	42
4.2 A formação ideológica (FI) no discurso	46
4.3 O Sacoleiro como acontecimento discursivo.....	47
4.4. As condições de surgimento e produção do sujeito.....	52
4.5 A constituição do Sujeito Sacoleiro	55
5 FORMA SUJEITO: SUJEITO CAPITALISTA E SUJEITO SACOLEIRO	59
5.1 Formação Discursiva do sacoleiro: influência e efeitos da ideologia dominante	61
5.2 Posições Sujeito – PS do sacoleiro	62
5.2.1 Sacoleiro aventureiro.....	64
5.2.2 Sacoleiro turista	66
5.2.3 Sacoleiro intérprete	68
5.2.4 Sacoleiro empresário	70
5.2.5 Sacoleiro contrabandista e fugitivo	72
5.2.6 Sacoleiro comerciante.....	75
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXOS	85

1 INTRODUÇÃO

O crescimento de pesquisas qualitativas em ciências sociais tem sido marcante, cada vez mais os pesquisadores estão interessados em explorar fenômenos sociais que afetam a sociedade e não são explicados somente por métodos quantitativos.

A pesquisa, ora apresentada, tem sua finalidade identificada com os propósitos do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. O programa busca incentivar pesquisas relevantes para manifestações sociais, com duas linhas de pesquisa: Linguagem, Comunicação e Sociedade, e Práticas Socioculturais e Sociedade Contemporânea.

A linha de pesquisa Linguagem, Comunicação e Sociedade tem por objetivo discutir aspectos interdisciplinares relacionados a questões que envolvem a linguagem em seus múltiplos aspectos (língua, discurso, ideologia, narrativas do seu cotidiano), bem como questões sociais e culturais que permeiam o contexto contemporâneo e dão o suporte para esta análise. Assim, o trabalho se desenvolve, nesta linha, visto que foi produzido com base nas práticas discursivas dos sacoleiros do município de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul.

Os sacoleiros são grupos sociais produzidos pela globalização, por fatores econômicos e governamentais. Este grupo está sendo analisado, através da Análise do Discurso de Linha Francesa- AD, que tem como principal teórico Michel Pêcheux. A AD trata de explicar a constituição do sujeito pelo discurso nas mais diferentes formas de seu acontecimento. Com base em Orlandi (2012), apresentamos um rápido contexto da disciplina de interpretação.

É fundamental a forma como o sujeito é interpelado pela ideologia. Assim como a materialidade histórica é importante para o sentido e está condicionada a sempre produzir significados pelo discurso, na interlocução entre sujeitos.

Para a AD a língua é dotada de incompletude, assim os sentidos das palavras dependem de quem as diz, onde são ditas, enfim de condições de produção. Os textos não são sistemas fechados, são incompletos e passíveis de outras interpretações a cada análise um novo significado é construído, claro, sofrendo as influências ideológicas que se evidenciam pela sua formação discursiva¹ (FD). A AD é uma disciplina de entremeio entre a Linguística, as Ciências de Formações Sociais e a Psicanálise.

¹ A formação discursiva (FD) se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja -, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. Orlandi (2015, p.41)

O tema do presente trabalho se caracteriza na sua contextualização como fato social, uma vez que a atividade como sacoleiro é desenvolvida nas mais diferentes classes sociais do Estado brasileiro. Esta atividade apresenta muita instabilidade e condições insalubres, também tem caracterização de atividade informal, pois a maioria, desses sacoleiros, atuam de forma irregular e perigosa.

Todos os dias milhares de brasileiros cruzam a Ponte da Amizade, que faz fronteira entre o Brasil e o Paraguai. A grande maioria desses brasileiros vai com intuito de comércio, por isso acabam sendo caracterizados como “sacoleiros”. O fluxo de pessoas é tão grande, constante e intrigante no Brasil, que chamou a atenção também no município de Cruz Alta. Nesse município, não são apenas alguns casos isolados de sujeitos que viajam para o Paraguai para efetuar a comercialização como sacoleiros, há muitas famílias que fazem disso sua renda extra ou mesmo o seu ganha pão. Essas famílias têm muito a expor sobre as situações em que vivem e como chegaram ao ponto de se constituírem como sacoleiros. Com isso estamos delimitando o sacoleiro como sendo do município de Cruz Alta e sempre amparados em dados históricos e na disciplina de AD, respondemos à problemática da pesquisa: “como se constitui e atua o sujeito sacoleiro no município de Cruz Alta?”.

A resposta terá sucesso se alcançarmos os objetivos estratégicos que norteiam a pesquisa, sendo que o objetivo geral é: demonstrar como surge, atua e quais as condições em que se encontra o sacoleiro do município de Cruz Alta na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (AD). Os objetivos específicos foram divididos em quatro ações que potencializam a possibilidade de visibilidade desse grupo de sacoleiros que rondam as vielas da negação e reprovação social. Assim, buscamos identificar os fatores predominantes que condicionam o sujeito para a vida de sacoleiro; evidenciar os efeitos que a vida/atividade do sacoleiro causa efetivamente na pessoa que assim se assume; observar a transitoriedade socioeconômica praticada pelo sujeito sacoleiro e sugerir alternativas socioeconômicas ao sujeito sacoleiro do município de Cruz Alta -RS.

Por mais que a pesquisa se limite ao sacoleiro do município de Cruz Alta -RS, havemos de convir que o fenômeno social sacoleiro apresenta uma necessidade de estudo analítico para caracterização dos mais diferentes tipos de sacoleiros ou posições assumidas, bem como compreender os fatores nocivos à atividade de sacoleiro, tudo isso na tentativa de contribuir com políticas públicas mais inclusivas, mais seguras no âmbito socioeconômico. Para Baltar (2000, p.3) “a justificativa de um projeto está na contribuição que poderá fazer para um melhor conhecimento sobre um tema qualquer a que refira à pesquisa. A relevância é dada pela possibilidade de contribuição ao tema”.

Com a definição posta por Baltar (2000), afirmamos que a presente pesquisa pode contribuir sobre o tema do fenômeno social sacoleiro uma vez que procurará caracterizar esse sujeito, levantando suas necessidades pontuais e procurando propor ações inclusivas para sua atividade.

A Pesquisa sobre a temática demonstrou, ainda, que frente ao tema da pesquisa existem poucos trabalhos relacionados, tanto em proporções gerais como específicas, o que contribui para justificar o presente tema. Há, ainda, considerável relevância no fato de que o maior conhecimento do sujeito sacoleiro pode possibilitar um olhar diferente para este cidadão, tanto pela sociedade cruzaltense quanto pelo Estado, pois os sacoleiros, não raramente, pela obscuridade de fatores da atividade, são reprovados na formação social.

Salientamos ao leitor que essa pesquisa é de caráter qualitativo e tem sua metodologia orientada na disciplina de Análise de Discurso, sendo as fontes da pesquisa as obras de renomados autores na área de AD, como Michel Pêcheux e Eni Orlandi. A análise foi realizada, por meio de arquivo organizado, constituído por entrevistas transcritas, conforme procedimentos adotados em AD.

Os dados do arquivo para a análise foram obtidos de 10 entrevistas transcritas, realizadas com os sacoleiros do município de Cruz Alta. Os 10 sacoleiros foram selecionados com o cuidado de todos estarem em contato direto e atual com o mundo de viagens, compras e vendas. O questionário respondido por eles foi devidamente aprovado pelo comitê de ética da Universidade de Cruz Alta através do parecer 1.531.057 e encontra-se anexado ao final do nosso texto.

O trabalho está dividido em cinco capítulos mais a introdução. Apresentamos no primeiro capítulo os dispositivos teórico-metodológicos da AD, desde as concepções de texto, de discurso, a constituição do arquivo e os modos de realização das análises. No segundo, demonstramos a formação histórica e social do nosso sujeito sacoleiro, definições e teorias do surgimento dos espaços de circulação desse sujeito, mais especificamente nos de acontecimentos factuais dos sacoleiros, demonstrando o que estes encontram nos espaços por onde circulam. Neste capítulo, trazemos a forma como o Estado posiciona-os fora dos padrões sociais aceitáveis, identificados por mecanismos discursivos em funcionamento nas sequências discursivas recortadas.

Posteriormente à apresentação histórica e o posicionamento social dos sacoleiros, abordamos conceitos essenciais da disciplina de AD e como esses conceitos funcionam para que possamos chegar ao acontecimento discursivo da emergência do sujeito sacoleiro e as

posições que esse assume como sacoleiro no município de Cruz Alta, por fim propor alternativas de organização ao sacoleiro com efeito socioeconômico.

Por fim, são analisadas as sequências discursivas recortadas da entrevista com os sacoleiros em busca das posições sujeito – PS assumidas pelo sujeito. Neste capítulo, verificamos como as questões históricas, sociais e ideológicas estão marcadas no discurso do sujeito e, também, como uma ideologia soberana conduz os sujeitos, se sobrepõe dando a esses sujeitos um modo de vida que é seu próprio meio de produção.

No capítulo final, apresentamos as condições finais a que esta pesquisa chegou, dando destaque para a relação dominante da sociedade ou formação social capitalista sobre a constituição do sujeito sacoleiro no município de Cruz Alta.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Essa pesquisa de caráter qualitativo mobiliza procedimentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa (AD) de Michel Pêcheux, doravante AD, disciplina, como se enunciou, de entremeio entre a Linguística, as Ciências das Formações Sociais e a Psicanálise.

As pesquisas qualitativas não possuem um padrão único na sua forma de acontecer, isso porque admitem influência e podem ser vistas de forma subjetiva, em que algo subjetivo perpassa o conteúdo dos seus estudos, como os fenômenos sociais presentes nas sociedades contemporâneas, desta forma esse tipo de pesquisa orienta para a transformação ou alteração de um fenômeno social. Nesta investigação, partimos para a pesquisa do nosso sujeito através dos procedimentos teórico-metodológicos da AD, Orlandi (2015, p.13) diz:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.

A partir da AD podemos chegar ao entremeio, no qual se dá a integração desses elementos do social, do simbólico e do histórico do homem. A AD dá condições para analisar como se constituem os sujeitos sacoleiros, considerando ainda nessa integração o cultural e econômico desse sujeito.

A ideia de entremeio vem da base da AD e esse entremeio pretendido entre a pesquisa qualitativa e AD serve como base para realização do trabalho, assim é hora de relacionar a AD como pesquisa qualitativa, ou seja, buscando saber que elementos conectam a AD para se produzir como pesquisa qualitativa, Orlandi (2012, p.24) afirma:

Da mesma forma, se pensarmos a relação entre disciplinas como linguística, as ciências das formações sociais e a análise de discurso, é essa mesma configuração teórica de que estamos falando que vemos se apresentar: a análise de discurso se faz na contradição da relação entre as outras. Deste modo, não se especifica claramente um lugar no reconhecimento das disciplinas.

Essas formas de disciplinas que chamo de entremeio não são, a meu ver, interdisciplinares. Elas não se formam entre disciplinas, mas nas suas construções. E aí está sua particularidade.

A interdisciplinaridade dá ideia de instrumentalização de uma disciplina pela outra (ainda que na bidirecionalidade). Não é o caso das disciplinas de entremeio como a análise de discurso. Não é na instrumentalização, mas, como dissemos, em um

campo de contradição que ela se forma, aproveitando, diria eu, a outra disciplina, ao revés.

Orlandi (2012) diz que o entremeio da AD está no contraditório de outra disciplina, assim ganhando autonomia. Esse contraditório é a oportunidade que a AD tem para surgir, quando Orlandi (2012, p.24) afirma que “deste modo não se especifica claramente um lugar no reconhecimento das disciplinas”, nos permite envolver a AD e a pesquisa qualitativa. A AD segue o modo operante da pesquisa qualitativa, mas funciona pela relação que ela estabelece na contradição das disciplinas e pela importância do contexto sócio histórico.

Então, na verdade, a AD faz um questionamento em torno de outras disciplinas para sua forma de operar e este questionamento em termos de pesquisa qualitativa é recíproco. Assim, para os estudiosos envolvidos com AD e pesquisa qualitativa têm a função de analista e do pesquisador, pois é o analista, que atua levando em conta historicidade (linguagem + história), procurando o discurso nas diferentes formas de manifestação, podendo vir a formular diferentes interpretações, e daí retirar novos sentidos explicativos e expositivos, Orlandi (2015, p. 75 - 76) enfatiza:

A análise se faz por etapas que correspondem à tomada em consideração de propriedade do discurso referidas a seu funcionamento, e vamos cotejar as etapas com os procedimentos que dão forma aos dispositivos.

Estas etapas de análise têm, como seu correlato, o percurso que nos faz passar do texto ao discurso, no contato com o *corpus*, o material empírico. Elas estão assim dispostas em sua correlação:

1ª Etapa: passagem da	Superfície Linguística	Texto (Discurso)
	para o	
2ª Etapa: passagem da	Objeto Discursivo	Formação Discursiva
	para o	
3ª Etapa:	Processo Discursivo	Formação Ideológica.

O analista deve ter bem presente o processo da análise, pois funciona como um filtro que vai construindo sua análise e separando os elementos que chamam a atenção no texto-discurso.

Com a AD se demonstrará a constituição do sacoleiro pelo meio onde atua, a partir da análise de suas falas poderá ser possível perceber a posição ideológica do sujeito, os efeitos de sentido que os enunciados podem assumir em diferentes posicionamentos e formações discursivas. Como base fundamental veremos os acontecimentos histórico e o discursivo, este último como forma de entremeio, quando rompe algo pronto e surge como um novo dizer; a historicidade em um discurso em que se expõe a relação entre linguagem e história; os vários sentidos que as palavras assumem pelas suas condições de produção e pela influência

ideológica. Desta forma, basicamente, passando por esses elementos em AD e mais alguns complementares poderemos demonstrar a constituição do sujeito sacoleiro no município de Cruz Alta/RS.

O material de análise será constituído de entrevistas transcritas e bibliografias, organizando e priorizando, conforme as noções de arquivo, recorte, texto, discurso e sujeito. Desta forma, Pêcheux (2010, p.63-64) trata sobre arquivo:

É a existência desta *materialidade* da língua na discursividade do arquivo que é urgente se consagrar: o objetivo é o desenvolver práticas diversificadas de trabalhos sobre o arquivo textual, reconhecendo as preocupações do historiador tanto quanto as do linguista ou do matemático-técnico em saber fazer valer, face os riscos redutores do trabalho com a informática- e, logo, também nele – os interesses históricos, políticos e culturais levados pelas práticas de leitura de arquivo. Logo: nem ceder às facilidades verbais da pura denúncia humanista do “computador”, nem se contra-identificar ao campo da informática (o que tornaria a reforçar o projeto desta), mas tomar concretamente partido, no nível dos conceitos e procedimento, por este trabalho do pensamento em combate com sua própria memória, que caracteriza a leitura-escritura do arquivo, sob suas diferentes modalidades ideológicas e culturais, contra tudo o que tende hoje a apagar este trabalho. Isto supõe também construir procedimentos algoritmos informatizados, traduzindo, tão fielmente quanto possível, a pluralidade dos gestos de leitura que possam ser marcados e reconhecidos no espaço polêmico das leituras de arquivo.

Essa ideia de Pêcheux (2010) quanto ao arquivo refere-se ao fato de que o analista não deve ser dominado pela forma informatizada de arquivo, uma vez que essa forma não interpreta, porém deve considerar tudo e marcar novas formas de interpretação que formem outros arquivos.

O arquivo é mais que uma organização do trabalho e vai além da mecanização e informatização, é sim a interpretação de trabalhos, pois interpretar é a lógica do analista e interpretando arrumará o seu próprio arquivo e dará condição para a produção da análise em AD.

O discurso em AD pode ser entendido conforme define Ferreira e Godoy (2001, p.14) como:

Objeto teórico da AD (objeto histórico-ideológico), que se produz socialmente através de sua materialidade específica (a língua); prática social cuja regularidade só pode ser apreendida a partir da análise dos processos de sua produção, não dos seus produtos. O discurso é a dispersão dos textos e a possibilidade de entender o discurso como prática derivam da própria concepção de linguagem marcada pelo conceito social e histórico com a qual a AD trabalha.

O discurso aqui trabalhado tem sentido do acontecer e do produzir sentidos no social, através da linguagem. Porém para entender o discurso precisamos saber os seus pressupostos de produção, pois é neles que podemos identificar a posição sujeito e suas influências

históricas e ideológicas, e isto é tratado no trabalho com referência ao pensamento de Marx, Althusser, Pêcheux entre outros.

Quanto à ideia de discurso cabe destaque para sua definição como objeto do analista, em Orlandi (2012, p.60):

Isto nos leva a duas ordens de conclusões também muito importantes:

- 1) Um sujeito não produz só um discurso,
- 2) Um discurso não é igual a um texto.

Daí que a relação proposta na AD é:

- a) Remeter o texto ao discurso,
- b) Esclarecer as relações deste com as FD, pensando as relações deste com a ideologia.

A AD está assim interessada no texto não como final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso. O trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto.

O texto, dissemos inúmeras vezes, é a unidade de análise afetada pelas condições de produção. O texto é, para o analista de discurso, o lugar da relação com a representação física da linguagem: onde ela é som, letra, espaço, dimensão, direcionada, tamanho. É o material bruto.

A autora afirma que o discurso não é somente um texto. As formações discursivas são vinculadas às formações ideológicas², assim quando Orlandi fala em trabalho do analista quer dizer que o texto se constitui como uma forma de interpretação e de demonstração de compreensão também os não-ditos, o novo, entre outras as possibilidades de relações discursivas.

O texto para a AD não é fechado e nem pode ser pensado somente na sua forma escrita, pois a relação do que ele apresenta e o que ele omite está condicionada àquilo que ele produz ou na forma como ele se produz, quanto às formas do texto Carvalho (2003, p.119) aponta:

1. O que é texto?

O texto é uma obra humana, produto humano, e se expressa através dos mais variados meios simbólicos: peças de teatro filmes, televisão, pinturas, esculturas, literatura, poesia, livros científicos e filosóficos, artigos de revistas e jornais etc. etc. Os textos são a memória do homem na qualidade de ser no mundo e se constituem na herança que possibilita dar continuidade à obra humana na história.

O autor do texto é o homem historicamente situado, que vive a experiência no mundo com os homens, que participa do existir num tempo e num espaço específico a partir de determinadas condições econômicas, políticas, ideológicas e culturais. Enquanto produto das suas relações com o algo de si, mesmo quando não existe o desejo internacional de fazê-lo.

O texto, a obra, é a expressão do viver, experimentar, participar, é o produto colocado no mundo, tem a marca humana. É a manifestação do que o homem produz

² As formações ideológicas (FI) são entendidas como o lugar da ideologia que dá aos sujeitos orientação para significar as palavras.

nos vários campos das artes, da literatura, do saber. É carregado de significações... O texto ilumina e esconde, obscurece o mundo e, ao mesmo tempo que pretende dar repostas aos questionamentos suscitados pelos homens, levanta outras questões, outras perguntas.

Com a colocação de Carvalho (2003), ficam apresentadas as formas e desdobramentos que o texto pode ter, não ficando preso à questão da escrita, assim a AD, através do analista tenta produzir significados com base nas formas que o texto assume para ter acesso ao discurso. Outro dado importantíssimo que a autora expõe é a formação do homem, isso sem se aprofundar é reconhecido em palavras como viver, experienciar, marca do homem, com isso subentende-se que o homem é influenciado pelo meio em que vive, através das construções e interpretações que ele faz e que lhe são feitas.

Já para Orlandi (2012) o texto é um objeto histórico, mas não histórico no sentido de datar documentalmente, mas sim as relações do discurso com a História, pois, a AD se interessa em falar mais em historicidade do texto e não em história pura. O texto, apesar de apresentar começo, meio e fim, na visão da AD, é algo inacabável quanto ao trabalho de significação que produz, por vezes é tomado como discurso e o interessante é ver como ele organiza a relação da língua com a história na produção de sistemas de sentidos e do sujeito em sua relação com o contexto sócio histórico.

Como forma de diferenciar texto de discurso, podemos dizer que o texto se organiza a partir da constituição de evidências que resultam de informações, de conteúdos que constituem evidências de saturação e de fechamento e nos permitem chegar ao discurso e ao sujeito. Trabalhamos ainda com os textos-imagens que são formas de extrair significado de uma forma não verbal, ou seja, não enunciada, como afirma Venturini (2009, p.133):

[...] mesmo quando se trata de um texto não verbal constituído por enunciado-imagens. O significante que o materializa não está representado por signos verbais, mas por imagens, que afetadas por não-ditos, por silêncios, por pertencimentos, trazem para a atualidade sentidos já-dados pelo interdiscurso.

Pelas imagens, enquanto textos, ressoam significados não ditos, que vêm à tona conforme a formação discursiva de cada sujeito, permitindo-nos ler, interpretar, compreender mesmo o que não está escrito, mas significa pelo que ressoa ou pela marca histórica de locais, acontecimentos e sujeitos. Venturini (2009, p.136) diz, “enunciados-imagem comportam a memória do objeto e fazem sentido na formação social, porque cada um comporta uma história, não no sentido cronologia, mas de historicidade, por uma memória que o significa”.

As imagens e os enunciados são textos trazidos no trabalho, são expostas relativos à história da constituição do Paraguai, da construção da Ponte da Amizade e respostas transcritas dos questionários aplicados aos sacoleiros, mais os textos teóricos. Esse conjunto de texto permite chegar ao discurso, ao sujeito sacoleiro constituído discursivamente.

O sujeito para Ferreira e Godoy (2001, p.22-23) define-se da seguinte forma:

Resultado da relação com a linguagem e a história, o sujeito do discurso, não é totalmente livre, nem totalmente determinado, por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso. Como diz Leandro Ferreira (2000) ele estabelece uma relação ativa no interior de uma dada formação discursiva; assim como é determinado ele também a afeta e determina em sua prática discursiva. Assim a incompletude é uma prioridade do sujeito e a afirmação de sua identidade resultará da constante necessidade de completude.

O sujeito está em dependência, uma vez que para fazer sentido é necessário que este não esteja sozinho na história e, também, nos posicionamentos ideológicos, pois o sujeito é um ser incompleto que sofre influência e que é influenciado por discursos de outras formações discursivas, pois caso o sujeito existisse sozinho no mundo não haveria necessidade de significar e fazer sentido para ele.

Esse sujeito influenciado ou influenciador na AD é tido como interpretante e para melhor aludir esta questão Orlandi (2012, p.99) coloca que:

Embora a interpretação pareça se fazer por um sujeito que apreende um sentido que está nas palavras, esta relação, como vimos, é ao mesmo tempo mais indireta e mais determinada por processos que fogem ao controle do sujeito e que mostram que os sentidos não emanam das palavras.

A análise do discurso trata a questão da interpretação restituindo a espessura à linguagem e a opacidade aos sentidos. Ela propõe, então, uma distância, uma desautomatização da relação do sujeito com os sentidos.

Na perspectiva formalista, a proposta para se fazer ciência é “tornar estranho o que é familiar”. Porque o que nos é familiar, não conhecemos, só reconhecemos.

Na perspectiva há historicidade, que é a da análise de discurso, também se critica a “familiaridade”, mas com outros meios e com outros objetivos. Nesse caso se procura desfazer as evidências, ou melhor, se procura não ficar na familiaridade, conquanto esta representa efeitos de evidência produzidos por processos de significação bem menos transparentes e mais indiretos. Os sentidos não “brotam” das palavras.

O sujeito, para Orlandi (2012), apreende os sentidos do discurso, porém o sujeito expõe sentidos ao seu controle, ou seja, ele enuncia conforme a sua FI e FD, mas a interpretação que será dada por outra pessoa ao enunciado pelo sujeito, é de responsabilidade dessa pessoa que recebe o enunciado, é essa recepção interpretativa que foge ao controle do sujeito que enunciou o texto.

Para Orlandi (2015, p.19) funciona da seguinte forma essa relação de emissor – receptor:

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim realizado: Alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem o que propomos é justamente pensar aí o discurso. Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.

Desta forma, a informação de um discurso carrega muito mais que elementos cíclicos para um fechamento, o discurso é um eixo incompleto que uma interpretação (quem emite) possibilita novas interpretações (quem recebe).

Outro ponto importante na construção de uma análise, é que o analista deve se atentar para o oculto da linguagem, tornar estranho aquilo que é familiar, isto quer dizer, questionar o que é dado pronto, o que conhece, questionar o meio onde vive, e esse questionamento pode, em diferentes formas, trazer sentidos novos, por exemplo, o modo como a sociedade funciona, porque está assim, onde e como surgem grupos sociais e os outros fenômenos, e isso o analista do discurso, com sua base teórico-metodológica, interpreta.

Percebemos que serão dois sujeitos: o analista que fará a análise do sujeito sacoleiro dentro dos objetivos do presente trabalho, e o sujeito sacoleiro este como objeto da pesquisa com elementos de constituição ainda obscuros para o analista.

Dentro da ideia do trabalho em AD é a partir do arquivo que o analista terá acesso, fará os recortes necessários para sua análise, Aiub (2012, p. 70) demonstra essa técnica de análise:

Portanto a análise do discurso é fundamentalmente uma disciplina de interpretação e, sendo assim, é pelo gesto do analista que são feitas as análises. É pelo olhar do analista que são recortadas as sequências discursivas de seu corpus, é através deste gesto que é feita a leitura do arquivo. Ao contrário do que se possa imaginar o analista do discurso não está livre da interpelação ideológica, ele não está solto no mundo, mas sabedor disso, seu papel é trabalhar na delimitação das formações discursivas, recortando as sequências discursivas e relacionando-as às matrizes parafrásicas a partir do aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso.

Os recortes são seqüências discursivas que organizadas formam o *corpus* e assim o analista faz seu trabalho de análise, pontuando fatores inerentes à AD que explicam os processos de formações discursivas a partir das quais os sujeitos sacoleiros, de forma desorganizada, deixam flutuar os fatores de sua constituição, os objetos simbólicos do seu meio de vida podem desvendar a parte obscura do real surgimento dos sacoleiros. Orlandi (2015, p.24) afirma:

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte de processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.

Agora é pôr em prática esse minucioso processo de organização de arquivo, utilização de recortes, identificação dos elementos que constituem o sujeito, a AD, a partir das manifestações organizadas no texto, para podermos analisar o sacoleiro, ou seja, interpretar o sujeito alcançando o seu simbólico, o seu ideológico, o seu discurso, o seu assujeitamento e muitos outros elementos constitutivos de um processo de análise.

3 ACONTECIMENTOS E EMERGÊNCIA DO SACOLEIRO

São os fatos que dão base para qualquer tipo de análise, porém um acontecimento não surge pronto para ser analisado, ele tem seus motivos, condições e hora, dizemos isso porque os fatos marcam a história e é a história e os fatos que instigam os pesquisadores e estudiosos, no caso do nosso sujeito sacoleiro, ele é marcado como acontecimento factual histórico e acontecimento discursivo.

O sacoleiro não é nato da sociedade brasileira como os índios, ele é um acontecimento na sociedade que, devido a algumas necessidades, criou-se a condição/meio de vida sacoleiro, mas ele não é só um acontecimento histórico engessado por datas de surgimento, como a construção da estátua do Cristo Redentor no Estado do Rio de Janeiro, ele é um sujeito que interage, pensa e age e essas ações estão na linguagem que operacionaliza o dizer do sacoleiro, logo, este também é acontecimento discursivo dele mesmo.

Desta forma, partimos para a construção histórica factual do sacoleiro, demonstrando fatos marcados na história para o seu surgimento e continuação, com a base histórica, posteriormente, será possível analisar o sacoleiro como acontecimento discursivo também.

3.1 Acontecimento factual histórico

Um acontecimento histórico pode ser considerado um fato histórico, pois o fato é o que acontece e é lembrado e relembado, esse acontecimento histórico pode ser, por exemplo, a queda das torres gêmeas que foram alvo de atentado no dia 11 de setembro de 2001, isso é um acontecimento de fato, ou seja, um acontecimento histórico que, como fato, dá margem para acontecimentos discursivos.

O que chama a atenção para o famoso caso das torres gêmeas é que a história delas será contada a partir do surgimento até quando foram derrubadas. E isso é acontecimento histórico, pois não se perde no tempo e é lembrado como fato concreto, que teve uma materialidade física, testemunhado por grande parte das pessoas do mundo que visualizaram isso a partir de imagens e fatos midiáticos, e, outras poucas, pela visualização do fato. O acontecimento, como simples queda das torres, como uma afirmação “elas caíram em 11 de setembro de 2001”, é história, agora tentar interpretar e explicar o porquê da queda das torres gêmeas seria uma atitude histórica e discursiva. Para melhor explanar essa ideia de acontecimento, Rassi (2012, p.44) nos apresenta:

Nesse sentido, o acontecimento histórico “consiste em fato que, por sua relevância enquanto ocorrência no mundo, passa a ser rememorado na história, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica” (LE GOFF, 1996 Apud DELA-SILVA, 2008). Em outras palavras, o fato deve ser suficientemente significativo para ser lembrado ou ser registrado em livros, fazendo parte da história de um povo, de uma sociedade, uma comunidade, como reflexo da cultura.

Dentro dessa ideia, podemos apontar inúmeros acontecimentos históricos no tempo que marcam seus povos, como os gaúchos que tiveram a Revolução Farroupilha, a colonização do Brasil por Portugal, a tentativa de criação de uma raça ariana³ na Alemanha com o holocausto. Muitos são os acontecimentos históricos que refletem ou refletiram a cultura de um povo e são lembrados na história em diferentes fontes de pesquisa. Esses fatos são lembrados porque tiveram importância a ponto de significar suficientemente a cultura regional, nacional e internacional, e é neste viés que trazemos o acontecimento histórico do sacoleiro.

No acontecimento do sacoleiro será analisado o efeito ideológico que o conduz através do discurso, desta forma o sacoleiro não é só um fato/fenômeno histórico na sociedade, ele, quando for analisado através do seu discurso, acabará demonstrando, em seu enunciado, os fatos que marcam o seu surgimento.

3.1.1 O início lá fora – origem histórica de Ciudad del Este - Paraguay

Já que a análise é da formação e atuação do sujeito sacoleiro do município de Cruz Alta pela AD, passamos a desenvolver este capítulo, contando a história desse acontecimento, não propriamente do sacoleiro, mas do todo que está em torno do sacoleiro, como seus locais de atuação, por isso o início, lá fora, se dá em Ciudad del Este, localizada no Paraguai, país vizinho ao Brasil, onde o sujeito busca os seus produtos para comercializar em Cruz Alta - RS.

Esse buscar não significa que exista comércio somente com o Paraguai, também existem vários sacoleiros que buscam produtos em países como o Chile, com seus vinhos, a Argentina, geralmente com produtos de consumo mais baratos, casos mais comuns são nas

³Ariana: o termo é em referência a uma raça “pura” branca onde eram descendentes do antigo povo ariano, o povo ariano – palavra que significa “nobre” – seria o ápice da civilização, esta ideia foi tentada por Hitler. Fonte: <http://historiadomundo.uol.com.br/artigos/raca-ariana.htm>

fronteiras de Barracão no Paraná e Tiradentes do Sul no Rio Grande do Sul, fazendo divisa com Porto Soberbo, e também Rivera no Uruguai com suas free shops⁴.

Esses lugares não são iguais ao Paraguai? Não, todo lugar tem a sua própria história e estão carregados com seus próprios acontecimentos e isso se comprova, através da cultura e também em índices de medição internacionais, por exemplo o IDH, como demonstra a reportagem de Wojciechowski (2010):

O Paraguai é o último colocado do continente sulamericano no novo ranking divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU) nesta quinta-feira (04), contendo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 169 países e regiões do planeta.

No relatório, elaborado com base em parâmetros econômicos e sociais que compõem, segundo seus idealizadores, a verdadeira riqueza de um país, o Paraguai aparece na 96ª colocação mundial, atrás de países como Bolívia (95ª), Colômbia (79ª), Equador (77ª), Venezuela (75ª), Brasil (73ª) e Peru (63ª).

Os países sulamericanos mais bem posicionados no ranking do IDH mundial são, nesta ordem, Chile (45ª colocação), Argentina (46ª) e Uruguai (52ª)

O próprio IDH serve para explicar um pouco essa situação de comércio do Paraguai, o país tem que se tornar atrativo ao mercado externo, no caso o Brasil, por se tratar de um país que tem um desenvolvimento mais atrasado que o Brasil, e ser mais atrasado potencializa países mais desenvolvidos como o Brasil a ter mais poder de compra dentro do território Paraguaio. Junto a isso, podemos afirmar que o comércio de Ciudad del Este parece mais um comércio de sobrevivência para o seu povo.

Para firmar o acontecimento histórico do sacoleiro de Cruz Alta que comercializa produtos do Paraguai, o sacoleiro que interessa à pesquisa, cabe demonstrar a forma como surge particularmente Ciudad del Este no Paraguai. Desse modo, invertamos o caminho da busca dos produtos, relatando primeiro os elementos essenciais do acontecimento histórico que interferem diretamente no fazer deste sacoleiro, pois quando fechar o acontecimento histórico partiremos para o acontecimento discursivo, a análise do arquivo na sua incompletude.

Ciudad Del Este, no Paraguai, é referência em questões de comércio clandestino e facilitação na compra de produtos, entretanto, sua história nem sempre foi assim, desde já trazemos a informação encontrada no próprio site da Municipalidad de Ciudad del Este (2016):

⁴Free shops: na sua tradução quer dizer lojas livres, este termo é usado para se referenciar o comércio praticado com baixa tributação, geralmente remete a ideia para as lojas do município de Rivera, no Uruguai, na divisa com o Brasil.

Cidade do Oeste é uma cidade de extremo no Paraguai, capital da região do alto Paraná, localizada à 327 quilômetros da capital do país, Assuncion. Para sua população e o seu desenvolvimento econômico é a segunda cidade mais importante do Paraguai, contando com 312.652 mil habitantes, e sua área metropolitana com mais de 800 mil habitantes (se incluir a cidade de Foz do Iguazu) superior a 500 mil habitantes se considerada dentro da mesma região. É parte da área conhecida como tríplice fronteira, onde há contato entre o Paraguai, o Brasil em Foz do Iguazu, e a soberania da Argentina em Puerto Iguazú. É chamada “a cidade jardim” pela área urbana de vegetação, embora o crescimento da cidade tenha diminuído suas áreas verdes.

(Tradução nossa)

Alguns pontos chamam a atenção na informação da Municipalidad (prefeitura) como a utilização do fluxo fronteiriço de pessoas para aumentar a população. Isso demonstra, de certa forma, a grande dependência da comercialização em Ciudad del Este feita por pessoas de outros países, nesse caso, da tríplice fronteira. Outra questão é a diminuição do verde natural, esta diminuição provavelmente se deve à condição de Ciudad del Este estar crescendo urbanamente devido aos seus fatores atrativos de comércio.

Como já dissemos, Ciudad del Este está localizada em uma região considerada tríplice fronteira - Paraguai, Brasil e Argentina, e tem uma população um tanto miscigenada e eclética, pois é fácil encontrar etnias e culturas operantes em um mesmo espaço urbano. Paralelo a isso vale destacar o que informa o site da Municipalidad de Ciudad Del Este (2016) quanto a sua história:

Foi fundada por decreto em 03 de fevereiro de 1957, com o nome de “Puerto Flor de Lis”. Logo seu nome foi trocado para “Puerto Presidente Stroessner” em homenagem ao ditador Alfredo Stroessner, até o golpe de estado em 03 de fevereiro de 1989. Nesta data o comando revolucionário usou o nome “Ciudad del Este”, em dias posteriores, foi plebiscitado o novo nome e os cidadãos escolheram “Ciudad del Este”.

Os primeiros habitantes que pisaram na terra vermelha de Ciudad del Este, jamais imaginaram que ela vigoraria e floresceria em tão pouco tempo. Os privilégios que a natureza deu a esta cidade ajudaram muito no seu progresso, pela proximidade que tem com a cidade de Foz do Iguazu-PR. Foi difícil se instalar nessa região devido a vegetação de selva inóspita que a cobria, mas a cidade teve um enorme boom econômico com a construção da ponte na década de 60, a economia foi consolidada e rapidamente urbanizada. É uma das cidades mais cosmopolitas do mundo há vivências em áreas com muitos emigrantes de várias nacionalidades como chineses, árabes, indianos, coreanos, entre outros.

(Tradução nossa)

O que percebemos na história de Ciudad del Este é que esta passou por inúmeras transformações em um período de tempo relativamente pequeno pelo tamanho e proporções que tem. Essa cidade, devido à sua localização em uma região fronteiriça, acabou se favorecendo do comércio entre o Brasil e a Argentina, assim podemos, tranquilamente, incluir

brasileiros e argentinos não só como frequentadores de Ciudad del Este, mas também como moradores de Ciudad del Este.

Outro fato curioso é que a construção de Ciudad del Este e a Ponte da Amizade que liga Brasil e Paraguai não foi com a finalidade de comércio dos sacoleiros como acontece nos dias atuais, e isso é demonstrado em Rabossi (2004, p. 153-154):

Puerto Presidente Stroessner foi fundada para receber a rodovia que estava sendo construída pelos governos brasileiro e paraguaio e que ligava a região central do país com a costa atlântica brasileira, rodovia que fazia parte de um plano mais amplo que havia começado a partir de Getúlio Vargas ao Paraguai em 1941, quando uma série de acordos foram assinados; entre eles a cessão ao governo paraguaio de facilidades no Porto de Santos.

Com a inauguração da Ponte da Amizade em 1965 desenvolveram-se duas áreas comerciais nas proximidades da ponte. No lado brasileiro, surgiram várias lojas de produtos brasileiros que, aos poucos, começaram a substituir os produtos argentinos do mercado interno paraguaio. Pioneiros nesse comércio foram muitos comerciantes de origem árabe, que junto a outros mascates e comerciantes já tinha levado a emergente produção industrial brasileira a diversos confins do interior paranaense. No lado paraguaio, a região mais próxima da ponte passou a centrar o comércio de artigos importados e de artigos típicos do Paraguai. Com altos impostos sobre produtos importados do Brasil e na Argentina os artigos importados passaram a ser atrativo comercial para brasileiros, argentinos e para os turistas de passeio pelas Cataratas do Iguazu.

Na citação de Rabossi (2004), é possível encontrar a causa e o efeito. Causa, porque foi feita a Ponte da Amizade para ligar o Paraguai e o Brasil com fins de escoamento de produtos e acesso dos paraguaios ao Porto de Santos, no Brasil; o efeito foi a criação de uma alternativa econômica aos empresários brasileiros, para a população do Paraguai, e, a Ciudad del Este, como cidade cosmopolita.

O sacoleiro, como é visto todos os dias, seria uma das “consequências” dessa abertura da divisa através da ponte, pelo simples fato de que, com impostos mais baixos em Ciudad del Este, os produtos essenciais e supérfluos se tornaram mais baratos, até mesmo os fabricados no Brasil. Isso tudo devido à carga tributária não exorbitante e não aplicada ao mercado paraguaio, por exemplo, no que diz respeito ao ano de 2013, Moreira (2015) demonstra:

A carga tributária na América Latina cresceu 6,9 pontos percentuais entre 1990-2013, ante 7,5 do Brasil e 1,3 ponto nos países desenvolvidos. Em 2013, a receita de impostos aumentou em 12 países da América Latina, diminuiu em sete (4,2 pontos percentuais em Barbados e 1,3 ponto no Paraguai, por exemplo) e manteve-se constante em um.

Essa diferença de carga tributária potencializa as pessoas a irem até Ciudad del Este comprar os mais variados tipos de produtos e equipamentos com a intenção de revender aqui no Brasil e é isso que faz o sujeito que está sendo analisado: o sacoleiro. Se já demonstramos a Ciudad del Este em seu histórico constitutivo, cabe agora trazer uma ideia de como ela se organiza. Assim Machado (2004, p. 17-18) descreve:

O comércio está presente, de diferentes formas, em todos os lugares: seja nas lojas de shoppings estabelecidos, nas calçadas ou nos becos e sub-becos da cidade. Estima-se que há cerca de 7 mil lojas formais, em contraposição a outros milhares de mesiteros, vendedores de rua que atuam somesitas. Todos esses espaços de venda são repletos de consumidores oriundos de diversos países da América Latina.

O Paraguai é uma das menores economias da América Latina, possuindo 40% da população abaixo da linha da pobreza e um PIB anual de 28,3 milhões. Contudo, a cidade fronteiriça de Ciudad del Este é um mundo a parte: estima-se que circulem entre 20 e 40 milhões de dólares por dia (dependendo da época) e 12 bilhões anuais (o que equivale a 42% do PIB).

Nessa cidade, tudo pode ser encontrado com a maior variedade e facilidade: desde de miudezas, brinquedos, aparelhos eletrônicos, réplicas de grifes internacionais até remédios falsificados, cigarros, drogas e armas. A pirataria é um dos principais atrativos que Ciudad del Este oferece para os comerciantes de outros países.

Machado (2004), consegue apresentar a ideia do local e do funcionamento de Ciudad del Este da mesma forma que identifica os atrativos tão desejados “os produtos e bens de uso de altas marcas” claro que na forma de cópias bem-feitas, por isso que Ciudad del Este é o parque de diversão do consumismo de muitos países da América Latina e principalmente do Brasil, isso devido às questões tributárias que, com a baixa tributação em comércio de produtos, fazem com que as pessoas dirijam-se para lá, efetuem suas compras para revender posteriormente com o intuito de renda extra e subsistência. Outro fato interessante são os dados trazidos por esse autor, mesmo que sejam de 2004. Eles dão base para perceber o quão grande é o giro comercial em operação diária e isso, quase em sua totalidade, alimentado pelos sacoleiros. Não iremos estimar novos valores tanto para o número de pessoas envolvidas no comércio direto, trabalhadores em lojas, e indireto como mesiteros⁵, da mesma forma não nos arriscamos a dizer quanto esse comércio de sacoleiro representa para o PIB paraguaio, pois todos esses números têm como condicionante a moeda norte-americana, o dólar, que no Brasil, especialmente para o sacoleiro, representa o termômetro deste estilo de vida/atividade, como será demonstrado à frente no trabalho, ou seja, tudo isso quer dizer que dólar em alta, diminui o fluxo de pessoas e o comércio de Ciudad del Este.

⁵ Mesiteros: termo usado para pessoas que trabalhavam localizados em um lugar específico, *mesiteros* é a palavra que deriva da estrutura móvel onde colocavam suas mercadorias em exibição para a venda, uma *mesita* – diminutivo de mesa em espanhol. Fonte: <https://etnografica.revues.org/814>

Ainda destacamos outras situações quanto à Ciudad del Este: são as de segurança e saúde no local, visto que é comum sentir-se inseguro de uma hora para outra devido aos constantes roubos contra os turistas sacoleiros. Diante disso, expõe Cardin (2006, p.20):

Atravessar a ponte da amizade em direção ao Paraguai e, uma tarde de quinta-feira no verão de Foz do Iguaçu, é uma aventura particular. O calor, que muitas vezes supera a casa dos 40° C, dificulta qualquer esforço que não seja habitual. As filas intermináveis de automóveis, as inúmeras pessoas que carregam sacolas desproporcionais nas próprias costas, a pressa dos compristas que muitas vezes atropelam certas delicadezas, o medo de ser assaltado presente em cada interação social e o lixo espalhado pelas calçadas, vencendo todos os esforços dos garis, contribuem para que naquele universo as relações sociais sejam um tanto quanto superficiais.

Ciudad del Este, apesar de ser uma região considerada favorecida pela localização, tem os problemas das grandes cidades como a violência, a organização espacial, os contrabandos, a poluição, entre outros. Ciudad del Este aparecerá novamente quando tratarmos das questões específicas da AD nas análises das sequências discursivas, oriundas das entrevistas.

Assim, atravessamos a Ponte da Amizade do Paraguai para o Brasil como demonstra o mapa a seguir. Google Maps (2016):

Texto-imagem 1: Rota percorrida pelo sacoleiro de Cruz Alta, no Brasil até Ciudad del Este, no Paraguai



Fonte: Google Maps (2016)

Com esse texto-imagem damos a ideia de percurso pelas rodovias e do trecho rumo ao Rio Grande do Sul, Brasil, para ir ao encontro, a outro local de acontecimento histórico imprescindível a sua história, pois é ali que se observa a constituição do sacoleiro, nos referimos ao município de Cruz Alta.

3.1.2 A travessia da Ponte da Amizade – pegando a BR até Cruz Alta/RS

Sabemos que o meio em que vive e as condições de produção⁶, onde se posiciona o sujeito sacoleiro influencia na sua formação, assim, o município de Cruz Alta e suas condições atuais e históricas devem influenciar na vida/atividade do sacoleiro no município. Assim passamos a apresentar os históricos que podem ter contribuído e continuam sendo motivadores do acontecimento sacoleiro.

A seguir, continuamos contextualizando as condições de produção desse sujeito, antes de passarmos para a análise das SDs (sequências discursivas) recortadas do arquivo de falas dos sacoleiros. Sabemos que a partir das análises teremos o discurso do sacoleiro e então será possível situá-lo como sujeito que se constitui nessas condições de produção que vão sendo descritos como caminho para o encontro do entremeio na AD, para isso é necessário apresentar o município de Cruz Alta como acontecimento histórico.

Ciudad del Este possui fatores que influenciaram historicamente aos sacoleiros, Cruz Alta contribui para a resposta da problemática de pesquisa de forma mais ampla e concreta, o sacoleiro se materializa em Cruz Alta, assim somos instigados a efetuar a pesquisa.

Desse modo, mostramos o município de Cruz Alta e seus fatores de criação e funcionamento de forma histórica. O município de Cruz Alta, no noroeste do Rio Grande do Sul, é um dos municípios mais antigos do Estado, sua origem é contada na história em escolas como ponto de passagem de bandeirantes⁷ como demonstra Barroso (2000), no mapa a seguir:

⁶ As condições de produção se referem a situação em que os sacoleiros vão surgindo, conforme o capitalismo atua o sacoleiro é obrigado a se adaptar para manter sua condição.

⁷ Bandeirantes: esses eram homens, principalmente paulistas, que entre os séculos XVI e XVII vinham às terras que hoje é Rio Grande do Sul e Santa Catarina a fim de rebanhar o gado xucro até o Estado de São Paulo.

Texto-imagem 2: Mapa demonstrativo da rota que os bandeirantes percorriam em outros tempos



Fonte: Barroso (2000)

Essa é a rota dos bandeirantes que vinham de São Paulo atrás do gado, que se encontrava livremente nessa região de Cruz Alta. Como naquele tempo as matas eram densas e inexistiam estradas em todo o percurso, acabava que os bandeirantes fixavam pontos de referência para marcar o caminho, pois no século XVII o transporte era através de animais e uma viagem de Cruz Alta até o Estado de São Paulo durava meses. Para melhor amarrar a posição de surgimento histórico da cidade de Cruz Alta, trazemos a informação encontrada no site da Câmara de Vereadores (2016) do município:

A História de Cruz Alta remonta ao final do século XVII, quando uma grande cruz de madeira foi erigida a mando do padre jesuíta Anton Sepp Von Rehegg em 1698, logo após a fundação de São João Batista nos Sete Povos Missioneiros. Mais tarde, com a demarcação do Tratado de Santo Ildefonso em 1777, a linha divisória (Campos Neutrais) que separava as terras de Espanha das de Portugal, cortava o território rio-grandense pelos divisores de água exatamente por esse local onde existia a grande cruz e uma pequena Capela do Menino Jesus. A partir de então, este imenso “corredor”, recebeu um grande fluxo de pessoas das mais variadas atividades, como comerciantes, desertores do exército, contrabandistas, imigrantes, etc. A cruz alta tornou-se ponto de internada e um grande pouso para milhares de tropeiros oriundos das fronteiras com a Argentina e Uruguai, que se dirigiam até a Feira de Sorocaba para comercialização dos animais.

Esse surgimento da cidade deu-se de uma referência factual que foi simbólico no nome de Cruz Alta. A partir do posicionamento da Cruz Alta de madeira nesse caminho começou a povoação entorno deste local de referência e assim foi até a fundação da cidade no dia 18 de agosto de 1821. Porém a Cruz Alta de 1821 se encontra de forma diferente, muita coisa evoluiu e outras estagnaram no tempo.

Conforme Colussi (2013), Cruz Alta tem como seu ponto forte econômico o agronegócio. Só no ano de 2013, 70% do PIB do município vem dessa área. Ainda que as

lavouras puxem o crescimento econômico, essa concentração de renda não se reflete nas condições de emprego e renda do município, vários fatores podem ser causa para isso, tal como o não investimento dos detentores de produção e recursos no município.

A Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser - FEE (2016) também apresenta quadro com alguns dados registrados quanto ao município de Cruz Alta:

Município: Cruz Alta
 População Total (2014) 63.961 habitantes
 Área (2015) 1.360,4 km²
 Densidade Demográfica (2013) 45,7 hab/km²
 Taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais (2010) 4,48 %
 Expectativa de Vida ao Nascer (2010) 76,49 anos
 Coeficiente de Mortalidade Infantil (2013) 17,20 por mil nascidos vivos
 PIB (2013) R\$ mil 2.634.381
 PIB per capita (2013) R\$ 41.081,33
 Exportações Totais (2014) U\$ FOB 689.778.995
 Data de criação 11/03/1833 - (Resolução do Presidente da Província em Conselho)
 Município de origem: Rio Pardo

O município também é rico historicamente. Várias pessoas nele nascidas tomaram assento na história a partir da ocupação de espaços em níveis estadual e nacional, como o escritor Erico Verissimo, entre outros, em diferentes áreas, políticos, professores, médicos. Cruz Alta é berço de muitos municípios que a rodeiam, teoricamente deveria ser referência forte no Estado, porém por causas que ainda demandam interpretação, Cruz Alta não conseguiu, nos últimos anos, assumir uma posição de referência.

E são essas condições que podem justificar o surgimento do nosso sujeito de pesquisa, pois como colocado no início do tópico: Cruz Alta foi povoada por tropeiros. O sacoleiro se tornou presença permanente, nos últimos tempos, no cotidiano dos cruzaltenses. Por que eles surgiram, como eles acontecem por eles mesmos e pelos outros, como pensam que o local influencia na situação deles? Estas indagações foram feitas aos sujeitos nas entrevistas.

Mas antes de adentrar à questão da análise propriamente dita, cabe elucidar vários conceitos da AD, assim daremos base para o leitor compreender que o sacoleiro rompe os limites do acontecimento histórico para acontecer também discursivamente.

3.2 Sacoleiro – Sujeito (dominado) pelo Estado

Como já foi demonstrado na descrição dos acontecimentos do surgimento do sacoleiro, isso é de cunho histórico, social e cultural, o sacoleiro surge em uma sociedade conforme suas características e relações de poder, relações de trabalho próprias. Assim

passaremos aos acontecimentos que produzem condições de surgimento do sacoleiro na perspectiva do Materialismo Histórico, trazida por Althusser em sua teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado – AIEs. Esses afetam o sacoleiro e deixam resquícios para análise no seu discurso. Nesta teoria, Althusser nos leva a entender que, o Estado com AIEs é que molda e regula a sociedade, que, por sua vez influencia ou domina o discurso dos sujeitos.

Vimos tratando o sacoleiro como fenômeno social, visto que ele é efeito da sociedade. Ele é de um grupo que se constitui pela transformação (exclusão) social, ou globalização e, neste sentido, Silva (2000, p.20) afirma “A globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas”. Como não lembrar a famosa Rua 25 de março na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, que é o maior centro de ambulantes do Brasil. Por ano, giram valores comerciais estimados em torno de bilhões, valores estes que na sua maioria são movimentados por comerciantes informais com produtos oriundos de países orientais e muitas vezes via Paraguai.

Silva (2000) nos apresenta que a globalização envolve fatores econômicos e diante disto os sacoleiros podem ser considerados como peças de giro econômico. A atual forma de consumo brasileiro está mudada; se em outros tempos se consumiam produtos alimentícios prioritariamente, atualmente estes concorrem com produtos tecnológicos que são comercializados de forma volumosa pelos sacoleiros. O autor, ainda, aborda a questão de identidades novas e globalizadas em que se poderiam enquadrar perfeitamente os sacoleiros brasileiros, pois acontecem no meio social e globalizado e estão à procura de sua identidade.

Visto que o acontecimento do sacoleiro se dá de forma social, cabe agora tratar da concepção de sociedade que norteia a posição do sujeito para em momento seguinte vermos, a partir das análises, qual o posicionamento desse sujeito na sociedade em que se insere.

Assim trazemos a abordagem de Elias (1994, p.7) quanto à sociedade:

A sociedade é entendida, quer como mera acumulação, coletânea somatória e desestruturada de muitas pessoas individuais, quer como objeto que existe para além dos indivíduos e não é passível de maior explicação. Nesse último caso, as palavras de que dispomos, os conceitos que influenciam decisivamente o pensamento e os atos das pessoas que crescem na esfera delas, fazem com que o ser humano singular, rotulado de indivíduo, e a pluralidade das pessoas, concebida como sociedade, pareçam ser duas entidades ontologicamente diferentes.

Elias apresenta a ideia de que a sociedade influencia decisivamente no pensamento e nos atos dos sujeitos, o autor nos leva a pensar que, se a regulação da economia e mercado econômico interferem na vida das pessoas, estas acabam buscando alternativas, e isto ocorre

com os sacoleiros. Esta influência é comprovada na constituição do sujeito como sacoleiro, pois por agirem, na sua maioria, de forma ilegal, são vistos com olhos de reprovação pela sociedade que contribuiu para o surgimento desse sujeito sacoleiro. Ainda Moreira e Gois (2007, p.8), baseados em Boaventura de Souza Santos, acrescentam:

No que se refere à interpretação do mundo contemporâneo, Santos (2006) conceitua globalização, ou melhor, globalizações, enquanto conjuntos de relações sociais constituídos por relações de poder diferentes e desiguais, e, desse modo, qualquer processo de globalização é também um processo de localização. A globalização é tanto um processo de integração/inclusão quanto um processo de exclusão: pode envolver homogeneização e hibridação ou diferenciação e nativização. Dito de outro modo, a globalização não é um fenômeno único e monolítico. O conceito cobre muitos fenômenos diferentes e até contraditórios.

Esse processo de integração/inclusão em uma sociedade que produz exclusão tem muito a ver com o sacoleiro. Utilizando duas SDs é possível mostrar suas imagens de sociedade e economia. Como os sacoleiros já fazem parte da cultura na sociedade brasileira, já assumem a condição de sacoleiro, fazendo até parecer que a situação deles é originada apenas em questões econômicas, assim deixando de lado os motivos que os levam a optar pela atividade na sua forma informal, na qual os riscos são muitos, como o prejuízo econômico. Quando os entrevistados foram questionados pelo entrevistador (E) quanto à sociedade, suas respostas caracterizam e apontam como os sacoleiros, muitas vezes, ainda são discriminados:

E: Como você se sente visto pela sociedade Cruzaltense?

SD1: Olha, a sociedade está todo mundo tentando de um canto e outro se fazer na vida, está tudo muito difícil e um vende uma coisinha aqui outro vende uma coisa ali, então me veem normal como uma pessoa que está trabalhando pela vida querendo adquirir uma coisa e acho que foi através da venda que eu pude adquirir o que eu estava ansiando.

SD2: Não, tem muito preconceito, ainda com nós sacoleiros existe bastante na sociedade.

O encaixe das ideias nas SDs 1 e 2 se dá na questão do capitalismo econômico e do preconceito, outro aspecto é que quando observada a SD1 na parte que diz “vende uma coisinha aqui outro vende uma coisa ali, então me veem normal como uma pessoa que está trabalhando pela vida querendo adquirir uma coisa e acho que foi através da venda que eu pude adquirir o que eu estava ansiando”, aponta para a situação do consumismo e o giro dele em uma sociedade capitalista.

Podemos assim dizer que a economia força a necessidade de consumo e prazeres da vida econômica, essa ideia do consumir nos remete a Althusser (1970, p. 10-11) quanto à produção de meios:

Para simplificar a nossa exposição e se considerarmos que toda a formação social releva de um modo de produção dominante, podemos dizer que o processo de produção põe em movimento, forças produtivas existentes em (*dans et sous*) relações de produção definidas.

Donde se segue que, para existir, toda a formação social deve, ao mesmo tempo que produz, e para poder produzir, reproduzir a condição da sua produção.

Assim, se o sacoleiro compra para revender é porque outro consome o que ele oferece para venda. O que vimos é que a ideologia capitalista consegue agir sobre o sujeito de forma que quando este opera (compra – vende) produz e reproduz o capitalismo, o sacoleiro age como operário do consumismo e está dominado em um sistema no qual sua força de trabalho é instigada por sistema ideológico muito influente e, por vezes, longe de sua compreensão.

Para melhor situarmos Althusser, ou suas ideias em nossa pesquisa, queremos lembrar que a sociedade, como vimos em Elias (1994), é o constante movimento de organizar-se e reorganizar-se feito pelos sujeitos. Para ser coerente com os propósitos deste trabalho, é importante dizer que, na concepção materialista histórica, a formação social é o que traduz essa organização e reorganização constante dos sujeitos. Dorneles (2005. p.61) afirma que “a formação social é o palco onde se tramam as lutas de classe que, interiorizadas e dissimuladas nos AIEs, materializam a ideologia nas práticas sociais discursivas e não-discursivas”.

Entendemos que o sujeito sacoleiro se situa na formação social, a partir do que nos diz Althusser (1970, p. 19-20):

Não basta assegurar à força de trabalho as condições materiais da sua reprodução para que ela seja reproduzida como força de trabalho. Dissemos que a força de trabalho disponível devia ser “competente”, isto é, apta a ser posta a funcionar no sistema complexo do processo de produção. O desenvolvimento das forças produtivas e o tipo de unidade historicamente constitutivo das forças produtivas num momento dado produzem o seguinte resultado: a força de trabalho deve ser (diversamente) qualificada e portanto reproduzida como tal. Diversamente: segundo as exigências da divisão social-técnica do trabalho, nos seus diferentes “opostos” e “empregos”.

Ora, como é que esta reprodução da qualificação (diversificada) da força de trabalho é assegurada no regime capitalista? Diferentemente do que se passava nas formações sociais escravagistas e feudais, esta reprodução da qualificação da força de trabalho tende (trata-se de uma lei tendencial) a ser assegurada não em “cima das coisas” (aprendizagem na própria produção), mas, e cada vez mais, fora da produção: através do sistema escolar capitalista e outras instâncias.

O que o autor aponta é que a qualificação está ligada às condições de produção, é qualificar o sujeito além do sentido de aprender algo, como o aprendiz que aprendia com o artesão, isto é, somente passar o ofício a outro. A abordagem de Althusser demonstra que há empregados e patrões, onde o sistema capitalista molda os indivíduos ao seu modo e assim

aplica sua ideologia utilizando-se de meios de produção. Essa produção é sempre entendida como das condições materiais de renda e da ideologia dominante, nesse caso, a dominância do capitalismo. As escolas, a família, as religiões entre outros, desses grupos, são denominadas de Aparelhos Ideológicos de Estado - AIE na teoria de Althusser, são suas próprias reprodução e produção das ideologias dominantes. Althusser (1970, p. 22 - 23) expõe:

Por outras palavras, a escola (mas também outras instituições de Estado como a igreja ou outros aparelhos como o exército, ensinam “saberes práticos” ou o manejo da “prática” desta, todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, não falando dos “profissionais da ideologia” (Marx) devem estar de uma maneira ou de outra “penetrados” desta ideologia, para desempenharem “conscienciosamente” a sua tarefa – quer de explorados (os proletários), quer de exploradores (os capitalistas), quer de papas da ideologia dominante (os seus “funcionários”), etc... A reprodução da força de trabalho tem pois como condição *sine qua non*, não só a reprodução da “qualificação” desta força de trabalho, mas também a reprodução da sua sujeição à ideologia dominante ou da “prática” desta ideologia, com tal precisão que não basta dizer: “não só mas também”, pois conclui-se que é nas formas e sob as formas da sujeição ideológica que é assegurada a reprodução da qualificação da força de trabalho.

Os AIEs, através das práticas de suas ideologias, conseguem manter o domínio em uma sociedade, fazendo com que seja garantida a reprodução, a sujeição à ideologia posta.

Essa reprodução da ideologia dominante é assim feita, por exemplo, em uma escola. Na escola militar os alunos são ensinados a partir das ideias militares, assim elas fazem a reprodução da ideologia militar. O professor militar ou todo o sistema militar ensina a partir de uma condição ideológica. Outro exemplo é a religião que se utiliza da fé para aplicar seu domínio, podemos ser de religiões diferentes, mas se praticamos e vivemos regrados pelos costumes da religião e assim também fazemos com nossos filhos, estaremos reproduzindo a ideologia religiosa. O que se percebe é que a ideologia determina a vida dos indivíduos, o que estes irão praticar ritualmente, em outras palavras, a ideologia impõe as tendências culturais de grupos sociais em sua organização estrutural.

A ideologia dominante é mantida pela sustentação, pelo dominado, ou seja, não há transformação massiva na sua base, naquilo que a sustenta, como bem descreve Orlandi (2012, p.105):

Mesmo se o objeto primeiro da teologia é Deus, o conhecimento de Deus não dispensa o conhecimento do mundo real. Segundo o adágio de Santo Tomás: “um erro, a propósito de Deus”. Para que a fé seja eficaz ela deve trabalhar os processos histórico-sociais concretos, ela deve “ter olhos abertos para a realidade histórica que queremos criar” (TL). O conhecimento do mundo do oprimido pelos pobres é um critério de universalidade e de credibilidade para o cristianismo. Esta posição da TL leva a uma prática crítica do assistencialismo (que faz do pobre um objeto de caridade) e do reformismo (que, para não transformar as relações sociais, desenvolve a sociedade sem tocar na pobreza). Dai deriva uma crítica tanto

da visão “empirista” (a pobreza como um vício) quanto de uma visão funcionalista (a pobreza como um atraso no desenvolvimento social).

Dá entender que a igreja vive em torno de Deus, mas atenta às condições sociais reais, como se a igreja fizesse da pobreza sua sustentação, onde o assistencialismo produz o objeto da caridade, porém a pobreza acaba se tornando um vício, mas uma prática prejudicial ao social, uma vez que ela não é vista como um problema no atraso do desenvolvimento, mas sim como base estruturante não só para a igreja, também para outros AIEs como a política. Aproveitamos para introduzir o próximo subtítulo, que tratará do funcionamento da superestrutura e da infraestrutura. Nesse ponto reiteramos ao leitor que o trabalho é orientado pela AD, ainda que não tenhamos chegado aos conceitos essenciais da AD. Estamos trazendo o estruturante, que deu base para a forma de análise proposta por Michel Pêcheux. Mais a frente trataremos da relação entre linguagem, ideologia e sujeito, para chegar à formação discursiva.

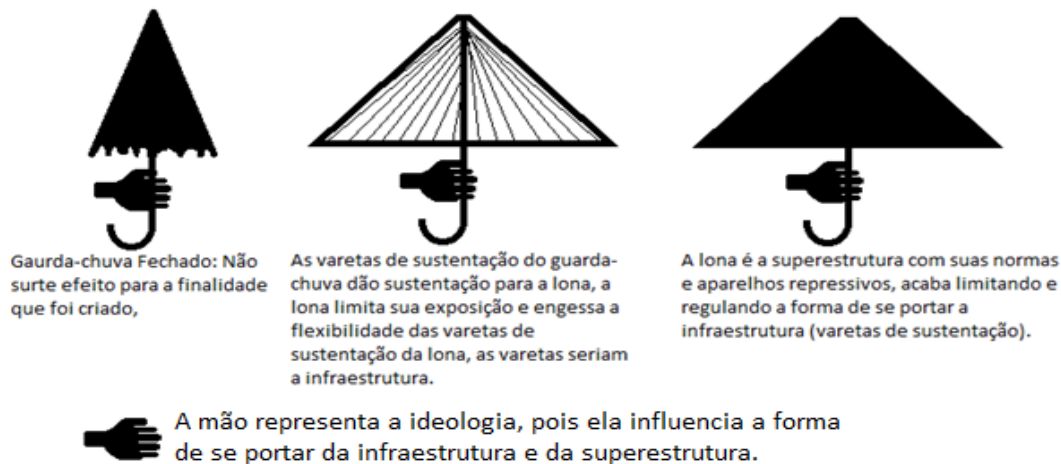
3.3 Superestrutura e Infraestrutura e o posicionamento do Sacoleiro

A formação social encontra amparo para seu funcionamento, concepção Marxista do social, na infraestrutura e na superestrutura, Althusser afirma (1970, p.25-26):

Marx concebe a estrutura de qualquer sociedade como constitutiva pelos níveis ou instâncias articuladas por uma determinação específica: a infraestrutura ou base econômica “unidade das forças produtivas e das relações de produção), e a superestrutura que comporta em si mesma dois “níveis” ou “instâncias”: o jurídico – político (o direito e o Estado) e a ideologia (as diferentes ideologias, religiosas, moral, jurídica, político, etc).

A infraestrutura é a estrutura que sustenta a superestrutura, pois é sua base, isso quer dizer que um Estado soberano não teria existência sem seu povo, uma população com um sistema organizacional social, como o mercado (comércio), que fomenta as relações que remetem a direitos e deveres oriundos da criação da superestrutura, reforçando as conclusões das duas hipóteses da situação de superestrutura e infraestrutura de Marx. A autonomia da superestrutura é relativa devido à sua dependência da existência da infraestrutura e as ações regulatórias da superestrutura para com a infraestrutura. Para entender demonstramos abaixo:

Texto-imagem 3: Metáfora de funcionamento da infraestrutura, superestrutura e ideologia.



⁸(Elaboração nossa)

O texto-imagem demonstra o funcionamento da infraestrutura e da superestrutura. A lona do guarda-chuva é a superestrutura, que assume a sua formação, se nela estiver dando base às estruturas das varetas de alumínio (frágeis) e estiverem funcionando, dando sustentação ao seu funcionamento, estará demonstrada a relação superestrutura-infraestrutura. A mão, como ideologia, tem caráter definido, pois é ela que vai conduzir o sujeito neste sistema de infraestrutura e superestrutura, é ela que manuseia o guarda-chuva.

Fica faltando no texto-imagem o dono da mão, visto que a ideologia dominante, que conduz o sistema, é dependente dos AIEs como forças deliberativas em uma formação de Estado e que tem o efeito de ditar condutas que viram práticas sociais, como a lei que força um sacoleiro a virar empresário ou é usada para repreendê-lo por atitude fora das normas sociais.

No caso desse sujeito da pesquisa, é possível identificar a questão da infraestrutura e a superestrutura da seguinte forma: as compras feitas pelos sacoleiros no Paraguai e as vendas efetuadas por estes de forma legal ou ilegal alimentam economicamente o consumo em alguns aparelhos ideológicos do Estado, se não em todos. A ideologia capitalista faz com que o sacoleiro procure meios para, digamos, estar resguardado sob a estrutura do guarda-chuva.

Os sacoleiros representam, para algumas fronteiras, a infraestrutura em grau considerável e é assim deste jeito que o sujeito sacoleiro é um acontecimento social contínuo

⁸ Imagem representativa da Teoria de Louis Althusser apresentada na sua obra IDEOLOGIA E APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO, 1970.

e elevado em fronteiras de comércio. Nos portos brasileiros com as importações vindas de países, principalmente asiáticos, os sacoleiros alimentam seu estilo de vida consumindo os produtos que vêm da Ásia pelo mar ou das Fronteiras por terra.

O sacoleiro contribui para e com a infraestrutura, pois faz giro econômico na sociedade e por vezes dá condições ao sujeito de atender algumas necessidades que eles não se sentem atendidos pelo Estado. Por outro lado, a superestrutura está presente na vida do sacoleiro através da fiscalização aduaneira na Receita Federal, divisa entre Brasil e Paraguai, e as tantas outras policias que trabalham no trajeto Ciudad del Este (Paraguai) / Foz do Iguaçu (Paraná) – Cruz Alta (Rio Grande do Sul). Como comprovação de tal argumentação trazemos as imagens de operações de Receita Federal e Polícia Rodoviária Federal:

Texto-imagem 4: Demonstração de apreensão de mercadorias e fiscalização pelo Aparelhos Repressivos de Estado - ARE



Fonte: Google imagens (2016)

Ainda podemos citar outros meios de fiscalização que materializam a superestrutura, DNIT, DAER, Polícia Civil, Policias Militares Estaduais, Polícia Federal, citamos estas por poderem agir no acontecimento do sacoleiro antes, durante e até depois da viagem, e esse agir dessas instituições é feito como forma de Aparelhos de Repressão de Estado. Quanto a isso Althusser (1970, p. 31 -32) expõe:

O Estado é uma “maquina” de repressão que permite as classes dominantes (no século XIX à classe burguesa e a “classe” dos proprietários de terras) assegurar a sua

dominação sobre a classe operária para submeter ao processo de extorsão da mais-valia (Quer dizer, à exploração capitalista).

O estado é então e antes mais aquilo a que os clássicos do marxismo chamaram o aparelho de Estado. Este termo compreende: não só o aparelho especializado (no sentido estrito) cuja a existência e necessidade reconhecemos a partir das exigências prática jurídica, isto é a polícia – os tribunais – as prisões; mas também o exército, que (o proletariado pagou diretamente como força repressiva de apoio em última instância quando a polícia e os seus corpos auxiliares especializados, são “ultrapassados pelos acontecimentos”: e acima deste conjunto o chefe do Estado, o governo e a administração.

O Estado é tido como aparelho, pois é através dele que a elite⁹, outrora burguesa, se faz valer como soberana sobre os trabalhadores, outrora operários, isto é atual, digamos essa dominação. No Brasil, basta olhar para as bancadas legislativas dos Estados Federados e da Federação, ambas arrebatados de representações de latifundiários, empresários, religiosos e outros seguimentos de AIEs dominantes da produção e das condições de reprodução da sua ideologia e de opressão, assim fazem valer a representação do capital financeiro nas tomadas de decisões, funcionando o Estado como um aparelho de manutenção de poder.

É dentro desse status de aparelho em que o Estado se organiza, que trazemos o sujeito sacoleiro em confronto com os AIEs, com os meios que conseguem impor efeitos frente a ele. Com a lei do RTU - Regime de Tributação Única instituído pela Lei 11.989/2009 (Lei do Sacoleiro) e regulamentado pelo decreto 6.596/2009, fica demonstrado que o legislador tem uma falta de intenção de estabilizar o sacoleiro, pois essa lei dá uma falsa impressão de resolutiva à atividade de sacoleiro. Ela teria intenção de regulamentar o sacoleiro dando condições de empreendedorismo aos mesmos, porém os produtos autorizados pela lei para comércio em território nacional não são atraentes e resolutivos para o sacoleiro alcançar ganhos consideráveis.

O que chama a atenção na redação do texto da lei é a necessidade de o sacoleiro ter de se tornar uma pessoa jurídica através da retirada de um CNPJ na forma de Microempreendedor (ME) ou Empresa de Pequeno Porte (EPP) para usufruir dos benefícios da lei regulamentada pela união. Essa é uma das formas do Estado, aparelho, funcionar. Assim o sacoleiro sobrevivente da sua atividade deve portar-se e assumir status de empresário. A lei deve nortear a condução do sacoleiro e reprimir seus atos para não mais ser na formação social um ilegal, um sacoleiro informal. Esta lei, pelo seu cunho econômico, apresenta características de repressão incentivada pelo AIE empresarial¹⁰, pois a fiscalização

⁹ Classe dominante que faz o Estado operar conforme suas intenções, na situação da sociedade em que o sacoleiro atua é uma elite capitalista que detêm o poder e controle.

¹⁰ AIE empresarial, se refere aos empresários de comércio geral que trabalham nos mesmos ramos de comércio de produtos com características semelhantes trazidos do Paraguai.

elimina ou combate os sacoleiros ilegais e os que quiserem trabalhar de forma legal terão de assumir outra posição, sendo dali em diante empresário.

Maior amparo do que foi referido se encontra em Althusser (1970, p.56) que diz:

O aparelho de estado assegura pela repressão (da mais brutal força física as simples ordens e interditos administrativos, à censura aberta ou tácita, etc), as condições políticas do exercício dos Aparelhos Ideológicos de Estado.

São estes de facto que asseguram, e grande parte a própria reprodução das relações de produção, “escudados” no aparelho repressivo do Estado. É aqui que joga massivamente o papel da ideologia dominante, a da classe dominante que detém o poder de Estado. É por intermédio da ideologia dominante que é assegurada a “harmonia” (por vezes precária) entre o aparelho repressivo de Estado e os Aparelhos Ideológicos de Estado.

O Estado acaba por dar condições de reprodução e produção dos AIEs. Imaginemos o sacoleiro que vira empresário, ele é a produção da superprodução empresarial, pois pressiona o informal a se enquadrar, e esse sujeito, a partir do momento que se aceita como empresário, por óbvio vai pensar que outro informal deve se enquadrar também, e este ato do ex-sacoleiro, agora empresário, é a perfeita exemplificação do AIE empresarial com sua ideologia fazendo com que a produção ex-sacoleiro, agora empresário, se torne uma condição de reprodução da produção. O ex-sacoleiro poderá exigir ou denunciar outro sacoleiro para fins de repressão pelos aparelhos repressivos ou para se tornar empresário da mesma forma que ele.

Diante de todo o contexto social de funcionamento de um Estado, seus aparelhos e suas estruturas, passa-se aos últimos pressupostos da disciplina de Análise de Discurso, base para as análises.

4 CONCEITOS ESSENCIAIS PARA A ANÁLISE

O acontecimento factual e o posicionamento do sacoleiro já se encontram apresentados no trabalho e a busca pela forma constitutiva do sacoleiro de Cruz Alta continua, pois, a posicionar e a apresentar sua história não é analisá-lo e, sim, partes integrantes do processo de Análise de Discurso.

O sacoleiro é sujeito interpelado pelo ideológico e está assujeitado, constituído em uma formação discursiva, materializado na linguagem que o limita e o faz relacionar-se com outras formações discursivas e ideológicas. Por isso, devemos ter a noção dos elementos discursivos que constituem o sacoleiro e por que ele também é acontecimento discursivo e não só histórico factual.

4.1 A Ideologia: a ligação com o todo e o tudo

A ideologia é tão complexa, pois transborda a infinitude do imaginário e a visualização da realidade. Há anos os estudos quanto à ideologia se realizam e diferentes são os entendimentos dados a ela, Marx foi o primeiro a esboçar a ideia de ideologia na concepção materialista, como demonstra Althusser (1970, p. 73):

A ideologia, começa por ser, segundo Marx, uma construção imaginária, um puro sonho, vazio e vão, constituído pelos «resíduos diurnos» da única realidade plena e positiva, a da história concreta dos indivíduos concretos, materiais, produzindo materialmente a sua existência. É nesta perspectiva que, na Ideologia Alemã, a ideologia não tem história, dado que a sua história está fora dela, está onde existe a única história possível, a dos indivíduos concretos, etc. Na Ideologia Alemã a tese segundo a qual a ideologia não tem história é, portanto, uma tese puramente negativa.

Essa ideia de Marx é que a ideologia tinha a sua fonte puramente na realidade, o real era uma fonte material positivista, a ideologia era o imaginário nulo e vazio, era a visão de que a ideologia surgia sem história, não tinha bagagem histórica e era constituída num sonho com base na alienação do trabalho.

Althusser traz duas teses sobre ideologia, uma na qual ela teria história e outra uma tese geral de ideologia sem história, na primeira as bagagens históricas seriam na função ideológica das ideologias como luta de classes ou AIEs, assim haveria bagagem política, bagagem econômica, religiosa, entre outras. No caso do sujeito sacoleiro, este é um produto

histórico e ideológico da luta de classes, em que estão a informalidade/legalidade/necessidade X (*versus*) a imposição da classe econômica capitalista.

A ideologia em geral de Althusser quer dizer que esta pode ser vista como não tendo história, mas marcada no tempo, como o caso do inconsciente sustentado por Freud. Assim Althusser (1970, p.75) aponta:

Para fornecer uma referência teórica, direi, retomando exemplo do sonho agora na concepção freudiana, que a proposição enunciada: a ideologia não tem história, pode e deve (e de uma maneira que não tem absolutamente nada de arbitrário, mas que é pelo contrário teoricamente necessária, porque existe uma ligação orgânica entre as duas proposições) ser posta em relação directa com a proposição de Freud segundo a qual o inconsciente é eterno) isto é, não tem história.

Se eterno não quer dizer transcendente a toda a história (temporal) mas omnipresente, trans-histórico, portanto imutável na sua forma ao longo da história, retomarei, palavra por palavra, a expressão de Freud e direi: a ideologia é eterna como o inconsciente. E acrescentarei que esta aproximação me parece teoricamente justificada pelo fato de que a eternidade do inconsciente tem uma certa relação com a eternidade da ideologia em geral.

Essa ideia de Althusser de uma ideologia em geral não carregar história, mas transcender na infinitude temporal como o inconsciente acaba por criar a ideia de que a ideologia é a relação imaginária mais as condições reais de existência.

Aqui não queremos parecer que não temos ideologia, mas para melhor explicar isso, nos assujeitamos à tese de Althusser, no sentido de a ideologia ser representada pelo imaginário mais as condições reais de existência, isso quer dizer, a relação do nosso inconsciente/imaginário com o visível/vivido.

Imaginem a religião em pleno modo de ideologia ou AIE, se cristãos, temos a impressão e assim nos garantem (mesmo sem poder provar) que Jesus era um homem branco, cabelos longos, barba rala, com mais de um metro e oitenta de altura que viveu há mais de dois mil anos, que veio ao mundo para salvar a humanidade e também era filho de Deus, ser mais supremo ainda que Jesus que tem a sua figura mais próxima a um homem mais velho, barba branca comprida e cabelos grisalhos, detentor de toda a pureza e poder infinitos. Nunca vi Jesus, muito menos Deus, mas confesso me deixar levar quanto aos atos bons que acontecem sob sua presença invisível. Para a mitologia grega, Deus como ser supremo tem até nome na figura de Zeus detentor do poder maior frente a seus irmãos, era Deus do Olimpo, Zeus convivia em meio aos homens, tinha poderes e imortalidade, se relacionava com mulheres, vindo a ser genitor de vários semideuses. Não fugindo à ideia de ideologia como reprodução do imaginário mais as condições da vida real, Althusser (1970, p. 78) expõe:

Os mitos de uma «sociedade primitiva», que estas «concepções do mundo» são na sua grande parte imaginárias, isto é, não «correspondentes à realidade». Contudo, embora admitindo que elas não correspondem à realidade, portanto que constituem uma ilusão, admite-se que fazem alusão à realidade, e que basta «interpretá-las» para reencontrar, sob a sua representação imaginária do mundo, a própria realidade desse mundo (ideologia = ilusão/alusão).

Os dizeres de Althusser, associados à religião, querem nos dizer, que, no caso dos cristãos, Deus não foi visto, Jesus também não, na atual época pelo menos, mas que estamos interpretando com alusão à realidade. Os religiosos tornaram e tomaram as imagens de santidades para servir a produção (assujeitar-se) de um ideal através da ideologia religiosa e isso é comprovado através das práxis, da cultura, como por exemplo:

- Senhor vinde até nós? Se o imaginário não existisse a pergunta seria com base na realidade real: Que senhor?

- Estar Junto de Deus é meu ideal. Se Deus não está na terra e a ideologia fosse somente material (realidade) como se vivencia o AIE?.

Ainda de outra forma, em outra religião que não cristã, poderíamos dizer o seguinte:

- Se for por Alá eu me sacrifico. Por ser um ser divino não deveria preservar a vida e não incentivar a tirá-la do próprio sujeito e de muitos outros?

Para Althusser, a ideologia é constituída da realidade e do imaginário. Michel Pêcheux assim como Althusser ratifica a impossibilidade da aplicação da tese materialista de Marx para explicação da Ideologia “Quando se procura pensar hoje em dia sobre a questão da Ideologia (sobre os processos, as relações de força, a luta de classes na ideologia etc...), está excluída a possibilidade que seja procurado apoio, pacificamente em qualquer “teoria marxista” (Pêcheux 2014, p. 107)”. Assim o fundador da AD descarta explicar a ideologia apenas pela teoria de Marx.

Na constituição do sujeito, em que a ideologia interpela o indivíduo e o faz sujeito, deve-se considerar que é pelas suas formações imaginárias e não o sujeito, homem, biológico com RG e CPF. A relação entre discurso e ideologia para a AD, segundo Orlandi (2015, p. 43), tem por objeto “ressignificar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem. Trata-se assim de uma definição discursiva de ideologia[...]”.

Orlandi afirma, a partir de Pêcheux, que a linguagem tem materialidade na ideologia e essa por sua vez se manifesta, através da linguagem, como discurso e sua capacidade de significar, pois quem significa ou interpreta algo é o sujeito, ele produz essa interpretação ou a (re) significação de sentidos Orlandi (2015, p. 45) diz:

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua.

A ideia de significar demonstra que o sujeito, a ideologia e o discurso estão ligados e também que os sentidos têm história e novos sentidos se dão no cruzamento das formações discursivas em que os sujeitos se inscrevem. Esta possibilidade de que o sujeito pode produzir novos sentidos com seus interlocutores não elimina as evidências de que no seu inconsciente já existiam definições que seriam ideológicas (princípios) ressoando na sua constituição. Quanto a isso Orlandi (2015, p.44) diz:

[...] a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia. São essas evidências que dão aos sujeitos a realidade como sistema de significações percebidas, experimentadas.

O sujeito é impulsionado pela sua ideologia para significar, como se fosse uma constituição de dentro para fora, como se o sujeito produzisse a realidade (significar) através de histórias já vividas ou vistas, Orlandi (2015, p.44) acrescenta:

O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos. M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito”, mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito”.

O que entendemos nas leituras é que Michel Pêcheux traz a ideologia orienta o sujeito em um contexto de funcionamento dela com outros elementos que funcionam para a constituição do sujeito, se antes Marx dizia que a ideologia era baseada no real e o inconsciente era um sonho sem razão e significados, e a teoria de Althusser considera a ideologia o funcionamento entre imaginário e realidade, Michel Pêcheux traz para nós que a ideologia orienta o sujeito que é constituído de fontes de realidade (materialismo histórico), imaginário e é inacabado de sentidos, Orlandi (2015, p.45) acrescenta:

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. E como não há uma relação termo-a-termo entre linguagem/mundo/pensamento essa relação torna-se possível porque a ideologia

intervém com seu modo de funcionamento imaginário. São assim as imagens que permitem que as palavras “colem” com as coisas. Por outro lado, como dissemos, é também a ideologia que faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade. Por seu lado, a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido-lá) e a impressão do sujeito a ser a origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão da transparência da linguagem. No entanto nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.

Todo esse envolvimento ideológico de constituição do sujeito (pois se não houver ideologia não haverá sujeito) instiga o sujeito a significar e esse significar decorre pelo discurso. Discurso que acontece de diferentes formas, até mesmo no silêncio, e é com essa ideia de constituição do sujeito pela ideologia para a efetivação do discurso que passamos a explorar outros conceitos essenciais da AD interagindo no discurso do nosso sujeito e então identificar sua materialidade histórica, seu imaginário, as ideologias que o cercam e o conduzem, e os variados significados e símbolos que o constituem como sacoleiro.

4.2 A formação ideológica (FI) no discurso

A ideologia leva a uma formação ideológica e esta formação ideológica se dá dentro de grupos sociais. A FI é formada a partir da formação social, em que o sujeito está inserido. Pêcheux (1995, p. 146), destaca, que

[...] a instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas (referidas aos aparelhos ideológicos de estado), que, ao mesmo tempo, possuem um caráter “regional” e comportam posições de classe: os “objetos” ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a “maneira de servir deles” – seu “sentido”, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe aos quais eles servem.

A FI parece ser um meio de defesa, adaptação, interação do sujeito, uma vez que ele não analisa a forma de utilizar o ideológico, é conduzido a utilizar-se de uma FI conforme o posicionamento na sua formação social.

Fiorin (1998, p.32) explica o funcionamento da formação ideológica:

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, o conjunto de representações e ideias que uma determinada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora do quadro de linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não verbal de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada

formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão do mundo.

Fiorin demonstra que é impossível a separação de ideológico e discurso, já que são simultâneos, pois no momento do enunciado seu discurso está afetado pela ideologia, aquela a que o sujeito está assujeitado. As Formações Ideológicas são originárias dos conflitos de classe por motivos que afirma Pêcheux (1995, p.147):

Resumindo: a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes.

Essas questões de desigualdades e subordinações são encontradas na situação do sujeito sacoleiro, pois ele vai pressionado pela ideologia dominante capitalista na contramão para onde a ideologia deveria conduzi-lo, dizemos isso porque a maioria dos sacoleiros não tem condições e estrutura para se tornarem empresários, empreendedores entre outros modos operantes da ideologia capitalista, assim os sacoleiros são produtos da pressão capitalista sobre a sociedade. O sacoleiro seria efeito colateral dessa pressão capitalista e surge na contradição da forma de agir do capitalismo, pois ao invés de se adaptar, cria um meio alternativo que burle a ideologia dominante que é a capitalista e é neste complexo do capitalismo que o sacoleiro se constitui numa FI bem como os sentidos presentes na sua FD.

Então o sacoleiro enuncia e assujeita-se no discurso, assujeita-se ao modo de se tornar capitalista, sua FI orienta seu discurso, e é no seu próprio discurso que o sacoleiro, fato histórico, torna-se acontecimento discursivo, ele não se apega a datas, ele não tem hora de acontecer, o sacoleiro é uma condição social histórica que tem voz e essa voz carrega suas condições de surgimento, existência e objetivo, por isso firmamos sua condição como acontecimento discursivo.

4.3 O Sacoleiro como acontecimento discursivo

Se o sacoleiro, sujeito que comercializa produtos do Paraguai, tem seu ponto histórico marcado pela construção da Ponte da Amizade, que ligou Brasil e Paraguai, não com intuito deste comércio e sim para outros fins, é desse aglomerado de fatos na história que se busca a afirmação que o sacoleiro também é acontecimento discursivo, dessa forma Rassi (2012, p.45) apresenta:

Pela ótica da Análise do Discurso “acontecimento histórico [...] pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentido diversos” (DELA-SILVA, 2008), pois o historiador filtra ocorrências ou fatos que ele julga serem historicamente importantes. Assim. Seleciona o que convém e omite o que julga não ser relevante historicamente.

Essa possibilidade de discursivizar a história e produzir sentidos diversos, e a omissão da história é que dão base para o acontecimento discursivo, em análise do discurso, é decorrente do que foi omitido pela história, como o historiador impõe a rota dos fatos, o analista observa o acontecimento do sujeito e situa ideologia e história, que tendem a estar concretas nos enunciados em análise. Fazendo associação ao sujeito da pesquisa, seria dizer que todo mundo sabe que o sacoleiro é um comerciante de produtos vindos do Paraguai, mas ninguém sabe todos os fatores e fatos que fizeram o sujeito tornar-se sacoleiro, e aí está a omissão que se busca identificar na análise do discurso do sujeito sacoleiro.

Para melhor demonstrar a ideia exposta no parágrafo anterior, trazemos Silveira (2015) que em seu trabalho apresenta a análise de Pêcheux sobre a situação do “On a gagné” uma expressão francesa que se refere ao termo “ganhamos” pertencente ao campo esportivo e que deslizou para o campo político com a vitória do político François Mitterrand¹¹, em 1981. O funcionamento da expressão foi um acontecimento discursivo, pois o termo estava desbravando um novo campo de acontecimentos, significando e fazendo sentido na política, havia necessidade de ser observado o que realmente o termo “On a gagné” significaria, pois se no campo de esportes era ganhamos com sentido fático de uma vitória com finitude com o apito final, na política estavam se iniciando novos sentidos. O “On a gagné”, em 2012, surge novamente como uma forma de acontecimento discursivo virtual, com a vitória de François Hollande¹² para presidente. O “On a gagné” ganha proporções discursivas mais amplas, visto que seu uso foi divulgado por meio digital, circulando de forma rápida e ampliando o acontecimento histórico, agora era interrogando enunciados de sujeitos, como: ganhamos o que? De que forma ganhamos? “On a gagné” francês no campo político tem potencial de gerar discursos que devem ser interpretados. Nesse sentido Silveira (2015, p. 88) expõe:

¹¹ François Maurice Adrien Marie Mitterrand: Foi um advogado e político francês, além de Presidente da República Francesa desde 8 de maio de 1981 a 17 de maio 1995. É o mandatário que mais tempo permaneceu no cargo (14 anos). No dia seguinte de sua posse, aproveitando a favorável corrente de opinião, dissolveu o Parlamento e propôs muitas reformas de caráter social. Fonte: <http://seuhistory.com/hoje-na-historia/francois-mitterrand-assume-presidencia-da-franca>

¹² François Hollande: foi candidato à presidência da República, para concorrer com Nicolas Sarkozy. E em maio de 2012, Hollande venceu as eleições presidenciais, tornando-se o 7º. presidente da 5a. República Francesa. Fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/francois-hollande.htm>

A circulação do enunciado político “On a gagné”, transformado em uma hashtag política cujo funcionamento técnico-discursivo constrói novas significações para a ação política na sociedade contemporânea, exige que pensemos o funcionamento dessas redes de formulações que indicam uma complexa relação entre as diferentes formas de produção dos enunciados do/sobre episódio político-eleitoral e o modo como os sujeitos se relacionam com a história e a memória política na atualidade.

Podemos dizer que a significação de On a gagné é a passagem de um domínio ao outro, ganhamos só pode ser entendido pelas condições de produção, a significação de “On a gagné” ganha novas formas. Neste fato histórico político a expressão pode ser vista agora como “somos governantes e vamos ter várias coisas para fazer e que devem acontecer, ganhamos e seremos vencedores” durante anos teremos “On a gagné” de novo, o que pode ser visto como o acontecimento discursivo, “On a gagné” é a influência da ideologia, ganhamos como esquerda, como socialistas, o “On a gagné” é opaco com suas significações, por isso a necessidade de interpretação, pois acontece discursivamente.

Dentro da ideia de acontecimentos, Ferreira (2009, p.1) acrescenta que:

A democracia do acontecimento e a sua espetacularidade, nos diz Nora, progrediram juntas. Tornando-se imediatamente público, o acontecimento contemporâneo nos transforma em *voyeurs* da atualidade, trazendo ao historiador um novo problema: ao promover o imediato ao histórico, ele surge antes do trabalho do tempo. É portanto, um acontecimento sem historiador, ainda sem explicação, e que faz surgir também aquilo que não é factual, um conjunto de fenômenos sociais que emergem das profundezas e que necessitam esclarecimento

Ferreira (2009) apresenta que com a democracia da informação, ou seja, o acesso ao acontecimento, juntamente com a sensação espetacular, faz com que os fatos sejam tornados públicos e a promoção imediata do acontecimento surge, o mesmo é exposto sem ser explicado. Nessa característica dos acontecimentos, é que se insere a situação dos sacoleiros, pois esses surgem como sacoleiros já rotulados, com maior força, como contrabandistas. Assim, o fenômeno social sacoleiro demanda compreensão discursiva e interpretativa do seu acontecer, pois necessita, dentro da ideia de Ferreira (2009), de esclarecimentos, de sua interpretação.

Pelo discurso, deve-se saber a significação dos acontecimentos para poder dar sentidos outros à história que os rotula sem serem analisados na sua forma simbólica, Ferreira (2009, p. 1) também apresenta que:

A eficácia simbólica dos discursos produzidos pelo jornalismo a exemplo do que ocorre com todas as práticas discursivas que se institucionalizam, é decorrente de uma memória já estabilizada sobre seus modos de funcionamentos. A ancoragem factual reforça o efeito de transparência. A opacidade dos enunciados é apenas

percebida na desmontagem dos arranjos sócio-históricos que orientam o funcionamento do discurso.

Essa contextualização da eficácia simbólica é determinante em questões factuais e discursivas, a forma como os enunciados aparecem opacos de sentidos e significação faz com que os sacoleiros, no caso específico, sejam rotulados de contrabandistas, com frequência. E isso é constatado quando feita uma pesquisa sobre o termo sacoleiro no mundo virtual, logo temos diversas definições e imagens desse sujeito. Assim trazemos dois textos-imagem para análise factual e discursiva, ou seja, a representação que surge da sua opacidade.

Texto-imagem 5: Acontecimento da Entrada do sacoleiro em Ciudad del Este – Paraguai.



Fonte: Veja (2012)

No texto-imagem 5, pode-se observar o acontecimento histórico que é a existência da própria ponte, pois com ela se dá também o surgimento da alternativa de comércio, um outro acontecimento. Analisando o texto-imagem 5, em seu todo, é percebida a situação da placa que afirma “ENTRADA PARA O BRASIL – PEDESTRE”, ora as pessoas da foto não parecem que estão tendo comportamento de turista ou de visitantes, ou seja, atitudes de pedestre. Se percebido o volume que transportam em suas cabeças e braços faz com que interpretemos que há uma clara situação de compra de produtos que, provavelmente, serão comercializados ou usados para consumo próprio, porém isso não pode rotulá-los como contrabandistas, pois não estamos cientes de que produtos estes carregam e se todos são para a comercialização. A questão da placa marca historicamente a situação de abertura da fronteira entre Brasil e Paraguai pela Ponte da Amizade, porém a placa não está pré-

determinando que uma das suas consequências será o surgimento dos sacoleiros. Ela foi criada e exposta sem usar o termo sacoleiros. Orlandi (2012) destaca que, na perspectiva discursiva, a organização do texto não é o importante e sim como o texto faz a organização da discursividade. Desconsidera-se o texto como um sistema apenas formal, ele necessita fazer sentido. Para ela a história afeta a linguagem e disso resulta o texto que é história e, por isso, faz sentidos. A autora traz a ideia de trabalhar a ordem da língua e a ordem da história, deste encontro derivam os fatos, e estes acabam por serem objetos de discurso (linguístico-histórico) em AD. Segundo a autora, os fatos conduzem à memória que vai se constituir de sentidos e é neles que temos historicidade. E observar os fatos de linguagem vem a ser considerar sua historicidade, colocando-os a funcionar para que produzam sentido. Essa integração de elementos no texto - imagem 5 - exposto anteriormente, dá possibilidade de interpretação discursiva simplesmente porque interagem, o enunciado com o sujeito sacoleiro, a ponte abre para o turismo e, também para o comércio, o sacoleiro, de certa forma, também em uma função no comércio informal.

Não há como ignorar os fatos ocorridos em torno da placa, que não rotula o cidadão como sacoleiro nem como contrabandista, simplesmente trata todos como cidadão não diferenciando ninguém. Entretanto são os transeuntes, os que se movem na travessia que produzem elementos simbólicos que podem fazer produzir classificações para o “pedestre”.

As condições, do texto-imagem 5 expõe não apenas alguém que atravessa a fronteira Paraguai – Brasil, mas um sujeito transportando volumes que guardam opacidade. Ainda que não se saiba o que contêm e a que/quem se destinam, o acontecimento histórico de atravessar a fronteira física Paraguai – Brasil, produz o acontecimento, o comprador retornando com seus produtos. Essa travessia traz a passagem do sujeito pedestre para o sujeito pedestre comprador ou transportador de mercadorias. Dizemos isso, porque os fatos do texto-imagem 6, também, acontecem no em torno da placa do texto-imagem 5.

Texto-imagem 6: Multiposicionamentos do sacoleiro



Fonte: Google imagens (2016)

Nesse texto-imagem em torno do acontecimento histórico da passagem do sacoleiro pelos espaços de compra, se analisados os quadros fotográficos de forma desagregada, cada quadrinho dá a noção de quando o sacoleiro se constitui de outros sentidos. Se na entrada ao Paraguai são cidadãos brasileiros, em uma primeira interpretação geral do texto-imagem 6 podemos ver que é uma vida/atividade que requisita determinação e uma grande necessidade de força física. O símbolo da Receita Federal (no texto-imagem 6, canto superior direito) mostra que há fiscalização sobre esses “elementos”, não cabendo agora dizer se é grande ou pequena. A fiscalização sobre os sacoleiros ou cidadão considera o sujeito em primeiro momento como um cidadão turista. Na imagem centralizada abaixo, aparece o fluxo (no fundo da imagem) migratório capitalista ou necessário que o cidadão faz como sacoleiro, no qual a necessidade parece ser maior que o funcionamento da regulação social. No texto-imagem 6, o que nos chama a atenção é a apreensão de armas, interpreta-se que o sacoleiro pratica contrabando, ele infringe a lei. Da mesma forma o texto-imagem 6 faz repudiar a generalização do sacoleiro como contrabandista, firmando que seria somente contrabando que o sacoleiro pratica, dizemos isso porque não são todos que cometem esse ilícito.

A forma histórica ou factual em que os sacoleiros são instituídos está delineada. Parte-se agora para mais pressupostos da disciplina de AD e, também, encaminhamentos para o acontecimento discursivo que permitirão chegar, pelo discurso, ao sujeito sacoleiro.

4.4 As condições de surgimento e produção do sujeito

A condição de surgimento e produção social de um sacoleiro não é, por natureza, um objetivo. Ser sacoleiro não é uma bandeira ideológica que se ergue como se erguem as bandeiras dos partidos políticos ou dos times de futebol. A posição de assumir-se sacoleiro

vai além de uma ideologia, existem questões sociais, pessoais e econômicas. Pêcheux (1995, p. 143-144) afirma:

[...] “condições ideológicas da reprodução/trans formação das relações de produção”, é porque a área da ideologia não é, de modo algum, *o único elemento* dentro do qual se efetuará a reprodução/trans formação das relações de produção de uma formação social; isso seria ignorar as determinações econômicas que condicionam “em última instância” essa reprodução/trans formação, no próprio interior da produção econômica.

Podemos dizer que o sacoleiro é efeito da ideologia, a sua condição social e econômica, ainda mais no Brasil que é um país capitalista e que não reconhece o sacoleiro como trabalhador legal, desta forma o país não possui programa de amparo que garanta segurança no traslado da mercadoria e que fomente a questão econômica do sacoleiro a ponto de sair dessa vida.

Ainda para contemplar a ideia apresentada antes de contextualizá-la temos Webler (2010, p.29) que diz:

Na América Latina podemos falar em reprodução dos modos de produção capitalistas, em que as relações de exploração sobre os trabalhadores vêm se agitando. Por um lado, ocorre um aprofundamento, a partir da década de 90, do grupo social de excluídos do processo de trabalho e, conseqüentemente, da participação econômica, social, política, cultural entre outras dimensões.

A produção do sacoleiro está na condição de efeito colateral da ideia capitalista, essa ideia capitalista está impregnada nos AIE da classe dominante e usa ideologias, condiciona o Estado a pressionar por meio dos ARES e as Leis desse Estado. É através desta pressão da ideologia dominante que faz surgir o contraditório. Pêcheux (1995, p.145):

[...] essas condições contraditórias são constituídas em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado que essa formação social comporta. Digamos bem, conjunto complexo, isto é, com relações de contradição-desigualdade-subordinação entre seus “elementos”, e não uma simples lista de elementos: na verdade, seria absurdo pensar que, numa conjuntura dada, todos os aparelhos ideológicos de Estado contribuem de maneira igual para a reprodução das relações de produção e para sua transformação. De fato, suas propriedades “regionais” – sua especialização “evidente” na religião, no conhecimento, na política e etc.- condicionam sua importância relativa (a desigualdade de suas relações) no interior do conjunto dos aparelhos ideológicos de Estado, e isso em função do estado da luta de classe na formação social considerada

Então o sacoleiro vem das condições de desigualdade que existem na sociedade capitalista, ele é o efeito do contraditório capitalista, mas sua ação de sacoleiro é justamente para se adequar à condição ideológica da classe dominante que é o capitalismo.

O sacoleiro vive nas margens da situação capitalista, justamente buscando a estabilidade financeira, ele não analisa os riscos de sua atuação para ele mesmo, ele reconhece a sua informalidade. Na SD 3 é possível reconhecer a preocupação financeira:

E: Como você se sente quando comercializa seus produtos?

SD 3 - Não me sinto bem assim porque a gente sabe que precisa legalizar, precisa ajeitar as coisas tudo, mas o governo ele não dá outra alternativa, o governo, o Estado, o município eles só querem impostos, impostos e tributos, parece que estamos vivendo a era passada do tempo dos faraós que só queriam imposto, impostos e impostos e daí a Cesar o que é de Cesar, então é terrível a coisa, mas o que fazer? São um meio de sobrevivência.

O sacoleiro, nesta SD 3, traz o governo como aquele que impões a cobrança de impostos e tributos, a necessidade do governo se fazer pela questão financeira força o sujeito a ilegalidade. Também ele remete à ideia de que o governo não cria outra alternativa para o sacoleiro, ou seja, ele se reconhece no discurso como abandonado e contornando o efeito do estilo social que o Estado impõe. Outro fato presente no enunciado do sujeito é o efeito religioso que carrega consigo, pois é na Bíblia em Mateus, capítulo 22: versículo 21, que se encontra a frase “Dizem-lhe eles: De César. Então ele lhes disse: Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.”, esta afirmação se refere aos impostos pagos ao imperador Cesar, da mesma forma o sacoleiro sabe que deveria pagar os impostos para comercializar, entretanto o peso dos impostos e tributos na vida do sacoleiro afeta sua sobrevivência. Nessa alusão ao discurso bíblico o sujeito lineariza a relação com a religião.

O sacoleiro sabe que precisa e é necessário se adequar, mas na SD 3 parece estar perdido e desamparado, se protege alegando que essa informalidade ou forma de agir é sua sobrevivência. Nessa SD 3, o sujeito traz, retoma da memória o discurso religioso, que coloca no gesto da cobrança excessiva de impostos, pelo fardo, uma justificativa para poder se “sentir bem” fazendo o comércio sem se legalizar. Nisso há uma identificação do sujeito como quem está fora da lei, mas que, empurrado pela situação discreta, precisa continuar assim. Essa SD 3 tem grande importância na análise, pois ela permite observar o sujeito sacoleiro assumindo uma posição. Pêcheux (1995. P.147) expõe:

[...] a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes.

O sacoleiro é efeito da contradição da formação ideológica dominante, a sociedade representada pelo Estado, desta forma a condição de produção do sacoleiro é o efeito da

atuação do Estado capitalista. Marx trazia a ideia de desenvolvimento econômico como sendo do detentor da produção e do capital, era a classe detentora que determinava o rumo da sociedade, ela ditava o que produzir.

O sacoleiro é produto do Estado que regula o mercado, direciona a sociedade juridicamente e faz o controle deste funcionamento reprimindo os que não se adequem as suas condições de produção de sujeitos.

Desta forma, a condição de produção – reprodução – transformação do sacoleiro é inerente ao Estado, este impõe leis para as pessoas seguirem, quem não seguir será repreendido, o mercado impõe um consumo e meio de vida capitalista às pessoas, estas na tentativa de se adequem às condições impostas procuram alternativas. Por isso o sacoleiro é produto das condições impostas pelo Estado onde o ele busca se adequar ao estilo de vida capitalista, por vezes na ilegalidade.

4. 5 A constituição do Sujeito Sacoleiro

Michel Pêcheux (1995) entendia que a formação discursiva, relacionada ao interdiscurso é um sistema aberto no qual o discurso e as palavras vêm com uma significação própria e são afetados por outras formações discursivas e cada formação discursiva é afetada pela sua formação ideológica. Para Michel Foucault, trazido por Pasinato (2014, p.48), a formação discursiva era um tanto diferente:

A noção de formação discursiva, a partir desse momento denominada por FD, foi inicialmente, formulada por Michel Foucault na obra Arqueologia do Saber. Em sua definição (1997, p.43) propõe que uma FD se estabelece a partir de determinadas regularidades do tipo ordem, correlação, funcionamento e transformação, sendo que as regras de formação determinam condições de existência, coexistência. Modificações e desaparecimento de uma determinada repartição discursiva.

De acordo com Pasinato (2014), Foucault trata de uma formação discursiva como regularidade, considerando-a fechada, ou seja, que não aceita influência de outras formações discursivas, entretanto, é a partir de Foucault que Michel Pêcheux se baseia para apresentar a sua concepção de formação discursiva.

Ainda segundo a mesma autora, enquanto Foucault entende que a formação discursiva é fechada, o entendimento de Michel Pêcheux é de que a formação discursiva muda, quer dizer que as palavras e as expressões do sujeito mudam de sentido diante das posições assumidas, e essas posições assumidas decorrem da formação ideológica dominante para o

sujeito, e é a ideologia que regula o enunciado do sujeito, controlando o que ele pode e deve dizer.

Pêcheux (1995, p. 160-161) diz:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)

Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas.

A formação discursiva - FD e formação ideológica FI - são concomitantes para o sujeito é nelas que se demonstra o assujeitamento. Quanto a isso cabe referenciar o que diz Dorneles (1998, p.43), “a FI caracterizada como “conjunto completo de atitudes e representações “coloca em questão a relação entre ideologia e discurso. A partir disso Pêcheux mostra que é impossível conceber o ideológico e o discurso dissociados”.

É na formação discursiva que serão constituídos os sentidos do sujeito enunciativo, o funcionamento da formação discursiva de um sujeito pode ser descrito da seguinte forma: o sujeito se assujeita a uma formação ideológica, a formação ideológica orienta a formação discursiva, a formação discursiva se materializa através da linguagem, essa materialização pela linguagem é o acontecer da formação discursiva pelo sujeito.

O sacoleiro tem sua própria formação discursiva, ligada a forma sujeito capitalista – FSC. Vejamos o que enuncia a SD 4.

E: Por que e como iniciou sua atividade como sacoleiro?

SD 4: Depois de uma crise eu me vi desempregado e alguns amigos me convidaram para fazer essa viagem como forma de busca um novo ganho até que reconquistasse meu emprego.

É possível identificar o capitalismo operante nos termos como crise, desemprego, novo ganho, emprego, outro fato que corrobora para a ideia capitalista é que o sujeito é convidado por amigos para a atividade de sacoleiro, sendo possível identificar a forma sujeito com saberes do capitalismo contemporâneo.

No convite ao sujeito e na aceitação deste em viajar, está uma via introdutória em que o sujeito dá início à posição sujeito sacoleiro, não é pela simples aceitação que ele estará posicionado na formação sujeito sacoleiro e isso é encontrado na SD 5:

E: O que mais você gostaria de dizer?

SD 5: O que poderia melhorar assim ó, eles legalizar o sacoleiro, que cada um pagasse seus tributos tudo, que fosse certinho cadastrasse e tudo e eles pudesse ir lá buscar o que eles querem lá, claro mas tudo dentro da lei, uma tributação melhor para que essa pessoa possa se expandir de pequeno empresário a um grande.

Nesta SD 5, há dizeres de um sacoleiro que não assume a posição sujeito sacoleiro - PSS, se este sujeito tivesse já assumindo a PSS poderia ter dito o mesmo enunciado com o pronome “nós” como forma inclusiva se posicionando no enunciado e não o pronome “eles” como forma exclusiva como forma de se excluir desse grupo.

Vemos que o sujeito não assume a PSS em uma ou algumas viagens, visto que os sacoleiros têm sua própria formação discursiva sacoleiro - FDS que limita seu dizer, o que não dizer, o que fazer, o que não fazer, como se portar e isso também é possível identificar. Nas SD 6 e SD 7 tem-se as seguintes passagens:

E: Como os agentes fiscalizadores da fronteira e do município de Cruz Alta tratam você por ser sacoleiro?

SD 6: Eu já enfrentei os fiscais da aduana, eles trataram muito educadamente porque eu vou lá e compro dentro da minha meta são 30 itens ou 30 quilos e eu tento sempre ir e comprar o que eu posso trazer nunca passei além da minha cota porque eu sei que é errado, então nunca eles tiveram uma reação ruim quanto a minha pessoa porque eu estava sempre certinha.

SD 7: [...] eu tento me adequar o que é imposto pela legislação, mas há como qualquer segmento da sociedade pessoas boas e ruins, há pessoas que entendem que você não está ali por gosto e sim por necessidade.

Nessas SDs 6 e 7, é possível identificar os elementos de um processo de assujeitamento, formação ideológica, formação discursiva e linguagem. Dizemos isso, pois há assujeitamento às condições exigidas para a vida de sacoleiro, tendo que ao deixar de ser fiscalizado é “o estar na cota”, “ter que se adequar”. A formação discursiva é que determina, de acordo com Pêcheux (1995), o que o sujeito pode/deve dizer, decorre da formação ideológica quando “estar lá como necessidade” identifica-se à operacionalização da ideologia capitalista pressionando/obrigando o sujeito a se virar, ou seja, dar seu jeito mesmo para a sua subsistência, já a linguagem materializa o que é pensado e premeditado.

O posicionamento do sacoleiro tem termos marcam e com isso possibilitam a identificação da PSS na SD 6 “eu já enfrentei os fiscais” há de se analisar o sacoleiro assumindo sua posição sujeito O verbo confrontar trata a fiscalização como inimiga, e essa é a sensação como os sacoleiros veem a fiscalização, entretanto a fiscalização para coibir/impedir algo errado/ilícito que o sacoleiro faz. Os dizeres da SD 6 marcam a posição sujeito sacoleiro, pois se fosse um turista não enfrentaria e nem temeria a fiscalização. Na SD 7, o sujeito também assume a condição de quem se reconhece ilegal, pois quer que as pessoas

entendam que “não está ali por gosto e sim por necessidade” ao enunciar isso, está reconhecendo-se numa posição não aceitável. Mas impossível de ser outra frente às condições que a formação social capitalista impõe. Orlandi (2015, p. 41) traz que:

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas do discurso em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinado, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória.

Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. No entanto, é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.

A formação discursiva do sujeito envolvido se inscreve, determina os sentidos ao sacoleiro, Na sua relação coma as demais FDs, dizemos isso, pois, turista, agentes de fiscalização e sacoleiros possuem formações discursivas diferentes.

O sacoleiro, sabendo que pode perder aquilo que lhe pertence, entende a fiscalização como adversário de uma batalha na qual sua vitória só se dará se conseguir chegar em Cruz Alta e comercializar suas mercadorias, na sua FD é significativa a fiscalização como seu inimigo e não como um meio de proteção, conduz o seu dizer e descrever seus atos dentro de um padrão, pois a sua FD é diferente da do sujeito que é fiscalizado como turista e não como sacoleiro. De acordo com Dorneles (1998) “é então a ideologia, a língua e o sujeito que constituem a formação discursiva como condição para que a ideologia interpele o indivíduo em sujeito, por um gesto de linguagem”.

Ainda Pêcheux (1995, p.157) afirma:

Se é verdade que a ideologia “recruta “sujeitos entre os indivíduos (no sentido em que os militares são recrutados entre os civis) e que ela os recruta a *todos*, é preciso, então, compreender de que modo os “voluntários” são designados nesse recrutamento, isto é, no que diz respeito, de que modo todos os indivíduos *recebem como evidente* o sentido do que ouvem e dizem, leem ou escrevem (do que eles *querem* e do que se *quer* lhes dizer), enquanto “sujeito-falantes”.

É assim o processo constitutivo do sujeito, o assujeitamento á FI, que constitui a formação discursiva, limita o sujeito ao materializar-se pela língua, isso em um processo simultâneo entre os elementos constitutivos de si, a história, a ideologia e a linguagem é que dão aporte à condição de sujeito sacoleiro e materializa-se sacoleiro pela linguagem e nos atos frente a outras formações discursivas, mas a partir da sua própria FD.

5 FORMA SUJEITO: SUJEITO CAPITALISTA E SUJEITO SACOLEIRO

A produção do sujeito, como já demonstramos, é condicionada pela sociedade, no caso do sujeito sacoleiro uma sociedade capitalista que é dominada por classes e AIEs capitalistas. O sujeito não surge capitalista, ele é levado por uma cultura que o forma capitalista, ele chega ao mundo como sujeito natural, mas os símbolos e significados que lhe são oferecidos no seu desenvolvimento é que ditam a sua forma sujeito. Para o sujeito sacoleiro os símbolos e significados são capitalistas. Pêcheux (1995, p. 147-148)

A forma de contradição inerente à luta ideológica entre as duas classes antagonistas não é *simétrica*, no sentido em que cada uma tenderia a realizar, em proveito próprio, a *mesma coisa* que a outra: se estamos precisando desse ponto, é porque numerosas concepções da luta ideológica tomam como uma evidência anterior à luta (cf. p. 144) a existência da *sociedade* (com “o Estado” acima dela) *como espaço, como terreno dessa luta*. Isso ocorre porque, como diz E. Balibar, a relação de classes é dissimulada no funcionamento do aparelho de Estado pelo próprio mecanismo que a realiza, de modo que a sociedade, o Estado e os sujeitos de direito (livres e iguais em direito no modo de produção capitalista) são produzidos-reproduzidos como “evidências naturais”. (grifo do autor)

Essa ideia de sujeito natural não predomina sob os efeitos do mundo atual, os sujeitos estão assujeitados às ideologias que os constituem e orientam o seu pensar, agir e dizer. O sujeito sacoleiro não age em busca da graça divina, ele visa o lucro para ser aceito na escolinha do capitalismo, ou seja, como efeito colateral do capitalismo, o sacoleiro tenta dar a volta para se enturmar nessa classe dominante. Orlandi (2015, p.48-49) explica essa adaptação

Com a transformação das relações sociais, o sujeito teve de tornar-se seu próprio proprietário, dando surgimento ao sujeito-de-direito com sua vontade e responsabilidade. A subordinação explícita do homem ao discurso religioso dá lugar à subordinação, menos explícita, do homem às leis: com seus direitos e deveres. Daí a ideia de um sujeito livre em suas escolhas, o sujeito do capitalismo. A crença na Letra (submissão a Deus) dá lugar à crença nas Letras (submissão ao Estado e às Leis).

O sujeito do capitalismo é o sujeito da produção capitalista, se antes era a religião que moldava e direcionava a sociedade, agora é o ganho que direciona os homens, o sujeito capitalista vive a falsa impressão de liberdade, mas inconscientemente está submetido as condições da classe dominante. O sacoleiro é produto do capitalismo, ele se arrisca em trazer suas mercadorias para vender em nome do lucro, do ganho. As SD8, SD9 e SD10, demonstram a condição de subordinação que eles se submetem.

E: Qual o meio benefício por você ser sacoleiro?

SD 8: O benefício é o lucro que a gente tem, porque a gente está correndo atrás do lucro, então nosso benefício é o lucro nos produtos

E: Descreva como é a sua atuação como sacoleiro?

SD 9: Eu como sacoleiro trabalho como se fosse trabalhar num comércio normal a gente vai com o dinheiro da gente compra as mercadorias e daí no caso tu vem e revende.

E: O que é ser um sacoleiro em Cruz Alta?

SD 10: Sacoleiro é uma pessoa que trabalha e muitas vezes ao invés de estar descansando ele está viajando para pode ter um ganho a mais, ter uma vida melhor, é uma maneira de tu ganhar a vida também.

Essas sequências discursivas identificam a subordinação do sujeito sacoleiro cruzaltense, o seu ideal nesse estilo de vida. A necessidade dele se enquadrar nos moldes capitalistas, o ideal de melhorar de vida através da compra, venda, consumo e lucro, esses são os efeitos ideológicos capitalistas. Nesta condição, é como se o sacoleiro estivesse livre-rebelde contra o sistema capitalista, mas por outro lado o capitalismo molda-o no seu agir e dizer, porque a qualquer momento pode utilizar seus AREs contra uma atitude de sacoleiro que vá além de onde o capitalismo permite ir. Orlandi (2015, p. 48) afirma:

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta a língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento.

Assim, a essência do sujeito está no sujeito natural, como um homem em uma ilha deserta sem capacidade de pensar ou comparar algo, sujeito natural que ainda não o dominam e nem o dizem para onde ir. Porém, quando em contato com a cultura vai aprendendo e se tornando produto da lapidação que nele praticam, ou seja, o assujeitam às condições dos que o dominam.

O sacoleiro cruzaltense se assujeitou a uma visão ideológica capitalista, pensa como tal, como se fosse a única maneira de existir, como se as necessidades se explicassem no quanto de lucro que podem ter nas suas vendas.

Não pensa só como um sobrevivente, mas sonha com a possibilidade de entrar no grupinho capitalista dominante. É um jogador de campo de várzea que sonha em vestir a camisa da seleção, ter casa na praia, condições para creche, escola e faculdade para os filhos, ou seja, aproveitar as regalias e glórias que o mundo do dinheiro traz. O sacoleiro no seu agir e dizer assume posições que o conduzem a como sacoleiro, e são essas posições que veremos a seguir.

5.1 Formação Discursiva do sacoleiro: influência e efeitos da ideologia dominante

Embora o sacoleiro cruzaltense não seja efeito apenas dessa sociedade local, ele, em sua origem, tem elementos pré-constitutivos da cultura local. Assim como os tropeiros que cruzaram as estradas da região em busca da mercadoria para vender nas feiras do centro do país, o sacoleiro atravessa fronteiras para, num movimento inverso ao dos tropeiros, buscar mercadorias e vendê-las em Cruz Alta. Ambos, mesmo numa grande diferença temporal, estão constituídos numa formação discursiva própria do sujeito que pratica o ato de comercializar produto, com isso, pode-se apontar para a FD como lugar também da diferença. Courtine (1981, p.20) diz:

A relação estabelecida entre os lugares objetivamente definidos numa formação dada e a representação subjetiva desses lugares numa situação concreta de comunicação, deu margem a interpretações nas quais o elemento imaginário domina ou extingue as determinações objetivas caracterizantes de um processo discursivo.

A busca do lucro caracteriza o trabalho de comerciante e no caso do sacoleiro, isso é perceptível no corpo do arquivo de suas falas. O que chama a atenção é a dependência e a forma que o capitalismo interfere nos fatores que formam um sacoleiro e na formação discursiva, vemos na SD 11 o sujeito assume sua dependência dessa atividade para viver:

E: Por que e como iniciou sua atividade como sacoleiro?

SD 11: Para ganhar um dinheiro, é tipo um emprego por falta de emprego.

Ela marca o estilo alternativo de vida do sacoleiro, pois não é um emprego, mas a intenção é de ganho de dinheiro, tendo nessa atividade a forma de dar continuidade a sua existência precisa de ganho, ter condições econômicas para tal. Na SD 12 que também trata de falta de emprego como condicionante a atividade de sacoleiro, observamos:

E: Por que e como iniciou sua atividade como sacoleiro?

SD 12: Bom porque eu engravidei e não tinha como trabalhar, porque meu gurizinho não quis ficar na escolinha, então seria um motivo para mim conseguir conciliar casa, família e emprego, dinheiro no caso.

Nessa SD 12, o sacoleiro tentou unir de uma só vez família, afazeres de casa e renda, falta de trabalho, como aquilo que o empurrou a essa condição de sacoleiro. A SD 13 resume o efeito crise capitalista e seus efeitos condicionantes.

E: Por que e como iniciou sua atividade como sacoleiro?

SD 13: Depois de uma crise me vi desempregado e alguns amigos me convidaram para fazer essa viagem como forma de buscar um novo ganho até que reconquistasse meu emprego.

Nesta SD 13, está explícita a influência dos efeitos capitalistas, pois da mesma forma que o capitalismo impõe aos sacoleiros como devem se portar, os costumes que devem seguir, como trabalhar de forma legal, cobra dele os impostos dentro dos padrões ditados pela ideologia dominante. O sacoleiro procura alternativas sabendo que a condição é instável. Coloca-se entre o Estado regulador e suas necessidades. Assim a SD 14 traz:

E: Como os agentes fiscalizadores da fronteira e do município de Cruz Alta tratam você por ser sacoleiro?

SD 14: [...] eu tento me adequar ao que é imposto pela legislação, mas há como qualquer outro seguimento da sociedade pessoas boas e ruins, há pessoas que entendem que você não está ali por gosto, mas sim por necessidade.

Nessa SD, o sujeito, mais uma vez, enuncia a sua condição de comerciante fora das condições impostas pelo Estado. Assume essa posição sujeito, num movimento parafrástico, aquilo que o faz significar-se como um sujeito da formação social capitalista. As quatro SDs 11,12,13 e 14 fazem um retorno ao “já dito”, como diz Dorneles (1998, p.147) “A repetição, nesse sentido, liga-se a ideologia, uma vez que o sujeito e sentido constituem-se mutuamente como efeito do esquecimento de que há sempre filiação a um “já dito””.

O sujeito reitera a condição de assujeitamento à forma sujeito capitalista, mas sempre buscando eximir-se disso, querendo a compreensão do outro de que não está fazendo isso por vontade própria, mas por imposição da formação social, das condições de vida que lhes são dadas. Assim, faz um retorno constante ao que lhe empurrou para essa condição de sacoleiro. Em cada uma das quatro SDs há uma justificativa: “um emprego por falta de emprego” (SD11); “porque engravidei e não tinha como trabalhar” (SD12); “me vi desempregado” (SD 13); “não está ali porque gosta, mas sim por necessidade” (SD14). São essas afirmações que marcam a repetição e constituem a paráfrase de que o sujeito sacoleiro é um efeito da ideologia dominante na formação social capitalista. Aquilo que vem sendo apontado ao longo da pesquisa apresenta-se agora pela própria enunciação do sujeito.

5. 2 Posições Sujeito – PS do sacoleiro

No item anterior, situamos o sujeito sacoleiro como um efeito da formação social capitalista que, com sua ideologia, determina o surgimento do mesmo. Esse se assume como

tal filiando-se a forma-sujeito capitalista. Sob essa condição, fala, age e assim tem formação discursiva que lhe determina o que pode e deve dizer e o que não pode e não deve dizer para manter-se nessa FD. Suas falas, ou modo de agir são reflexos das influências daquilo que já viveu no seu meio social. Ninguém nasce sacoleiro como já mostramos, o sujeito é potencializado ou direcionado para esse estilo de vida. Pressionado pela condição de assujeitado e filiado a uma FD, o sacoleiro assume posições sujeito variadas, das quais iremos tratar na sequência do texto.

O que nos chama atenção é que essas posições sujeito são reflexos da ação da ideologia dominante, reflexos que podem ser aceitáveis ou desprezíveis na mesma formação social onde essa ideologia é dominante. A importância de destacarmos a posições sujeito que o sacoleiro assume nos dará mais a frente, as condições de reafirmar os efeitos do capitalismo sobre os enunciados e ações deste sujeito.

As diferentes PSs assumidas estão atravessadas pelas formações imaginárias que têm acerca da realidade em que vive e onde se constitui como sacoleiro. Desse modo, antes de passarmos a tratar das diferentes PSs, torna-se necessário abordar a relação entre formações imaginárias e PSs.

A formação imaginária para as posições sujeito é extraída da ideia do inconsciente, esse imaginário é tido como o que acontece e que não é percebido pelo sujeito, por não saber que assume através de seu enunciado e seus atos essas posições imaginárias. Orlandi (2015, p. 37) afirma

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

A ideia de Orlandi (2015) associada à situação do sacoleiro traz pontos de amarração importantes, por exemplo, não há discurso que não se relacione, os sentidos resultam das relações, não há desse modo começo absoluto, nem ponto final para o discurso. Essa ideia quer dizer que a ideologia que assujeita o sujeito orienta a sua FD que vai definir a enunciação, essas fontes são do inconsciente do sujeito, lá se encontram suas condições

sociais e históricas. Linguagem as resgata e faz funcionarem na interpretação dos enunciados dos sacoleiros.

Desta forma, se as condições de produção do sujeito se relacionam, com o sacoleiro não é diferente, ele tem elementos para constituir, formar seu imaginário desde a primeira viagem até o retorno para comercialização dos produtos. Em sua primeira viagem pode ser considerado um aventureiro, pois ele vai para uma viagem que nunca foi e tudo é novidade, em dado momento ele se torna turista na viagem quando ingressa no Paraguai é então o intérprete, isto porque a Ciudad del Este é composta por variadas etnias, nesse lugar é comum se escutar algo em guarani, em coreano, em castelhano, em portunhol ou até em japonês, quando vem as compras o sacoleiro que já era aventureiro, turista e intérprete acaba tendo que assumir uma nova posição sujeito de empresário, empreendedor, importador. Quando retorna ao Brasil temos a situação de que o sacoleiro pode ser considerado contrabandista, um criminoso, mas se tudo der certo e chegar em sua terra de origem ou destino ainda tem que assumir a posição sujeito comerciante. Para este processo de acontecimentos do sacoleiro associado ao imaginário e as PSs, Orlandi (1996, p.21) apresenta situação exemplificativa quanto à apropriação do sujeito e suas posições:

O professor apropria-se do cientista e se confunde com ele que se explicita suas voz de mediador. Há aí um apagamento, isto é, apaga-se o modo pelo qual o professor apropria-se do conhecimento do cientista, tornando-o ele próprio possuidor daquele conhecimento.

A ideia de Orlandi (1996) comprova que os sentidos se relacionam e são interdependentes para dar sentidos é um ciclo bóldo em que as posições sujeito são agregadas ao próprio sujeito. Com o sacoleiro acontece da mesma forma, suas ações em sua formação não são conscientes, não situa em qual posição sujeito está posicionado. Passamos então a analisar as condições em que se dá a assunção das diferentes posições.

5.2.1 Sacoleiro aventureiro

O que seria um sujeito aventureiro? Se pegarmos o sentido literal que está posto no dicionário Novo Aurélio edição revista e atualizada do trabalho de Ferreira (1999, p. 240) definimos da seguinte forma:

Aventureiro. [De aventura + eira.] adg.1. Que vive de aventuras. 2. que ama a aventura (1): seu espírito aventureiro é o que leva a repetidas viagens. 3. incerto,

difícil, precário, arriscado. s.m.4. Indivíduo que ama aventura; ousado, temerário, audacioso. 5. aquele que não tem meios de vida, que vive de expedientes, dos acasos da sorte.

Essa definição que apresenta o dicionário é visível em um estilo de vida de sacoleiro, a primeira viagem é uma aventura, é incerto, precário, arriscado, ousado e acrescentaria também a necessidade, uma vez que ser sacoleiro é um meio de vida, em meio a aventuras. Para acrescentar tal fascínio imaginário observe-se a descrição posta por Machado (2004, p. 25) em seu trabalho de dissertação:

Enquanto eu estava no camelódromo, sentada ao lado da Carminha, Rui ou Chico, ouvia muitas histórias sobre o Paraguai. Era, sem dúvidas, o tema que mais me despertava curiosidade. Insistentemente, pedia para que me contassem sobre as aventuras e desventuras “do outro lado”. Eu escutava encantada. Rui e Chico faziam questão de narrar episódios, vangloriando-se deles. Diziam que passavam dias no mato, fugiam da polícia, salvavam as mercadorias e, ainda por cima, enfrentavam grandes bandidos. Tudo parecia como um “mundo fantástico”, cheio de perigos e glórias no final.

Esta descrição que Machado apresenta de situações vividas por sujeitos que se intitulam camelôs e que também são sacoleiros, descreve bem o imaginário no discurso dos sujeitos. As colocações de Rui e Chico na citação trazem um ar de que em cada viagem o destino era incerto e os acontecimentos novos, de um simples viajante chegaram ao ponto de parecerem heróis enfrentando bandidos.

Esse imaginário também é identificado no sujeito sacoleiro de Cruz Alta. Nas suas enunciações, ele deixa transparecer a apreensão que existe no perigo e na aventura. O sujeito quando questionado sobre o que mais influencia na atividade sacoleiro deixa transparecer esse contraste aventureiro, conforme a SD 15:

E: O que mais influencia na vida/atividade de um sacoleiro?

SD 15:[...] o que mais influencia mesmo é o perigo das viagens, as viagens são perigosas, a gente pode ser assaltado, pode acontecer acidente com o ônibus, pode a gente passar na aduana e perder a mercadoria sendo que a mercadoria pode estar certa e justa, tu foi e pagou tu não roubou e as vezes tu passa na polícia e tu pode estar certo e ainda acabar perdendo a sua mercadoria, então isso aí são fatores que influenciam na vida do sacoleiro. E vai e não sabe se volta, a sua família fica apreensiva em casa te esperando.

Essa situação exposta se relaciona a definição de aventureiro, o sacoleiro sai sem garantias para si ou para sua família, além de ter que conviver com o olhar repreensivo dos

AREs e ainda convive com apreensões e incertezas, como nas situações de roubo, de avarias nos ônibus, de más condições de estrada, entre outros.

Não há aventura sem perigo, com os sacoleiros não é diferente, diante dessa afirmação nos basta apenas completar porque tal situação de viajar é perigosa. Comumente eles vão ao Paraguai de diferentes regiões do Brasil com dinheiro vivo e em um ônibus dessas viagens, além da moeda brasileira que é aceita no Paraguai, pode haver também quantidades de dólares e isso chama atenção de quadrilhas e bandidos.

Na SD, é possível interpretar um certo ar de liberdade e desapego do sacoleiro as condições sociais e econômicas que o cercam, como vemos na SD 16:

E: Qual o maior benefício por você ser sacoleiro?

SD 16: O benefício é que de uma maneira tu viaja um pouco, tu não sai para lugar nenhum, tu não tem condições.

Esse discurso do sacoleiro repassa um ar de liberdade, como se por viajar ele se desprendesse de tudo, como um aventureiro, parte em busca de um tesouro, esquecendo o que o fez assumir essa posição sujeito.

O aventureiro é a primeira posição sujeito que o sacoleiro assume. Pode ser entendido que é nesta posição que faz entrada neste modo de vida, uma vez entrando irá por vezes assumir outras posições e também outros sentidos imaginários, pois o discurso é sempre contínuo, é do aventureiro que surge o sacoleiro turista, porque primeiro tem que se aventurar em uma viagem para as demais facetas florirem.

5.2.2 Sacoleiro turista

A expressão turista ressoa no sujeito sacoleiro que viaja ao Paraguai. Ele se utiliza dessa situação de turista para poder dar continuidade em seu ciclo de posicionamentos, essa camuflagem que o sacoleiro faz fica bem subentendida em notícia da própria Receita Federal (2005) que informa o seguinte:

A Secretaria da Receita Federal decidiu aumentar de 150 para 300 dólares o limite da cota de isenção para compras feitas, por turistas, em cidades fronteiriças, visando favorecer o comércio lícito daquelas cidades, especialmente as que apresentam vocação turística. Ressalte-se que essa cota se aplica aos turistas que retornam ao País procedendo do país limítrofe pela via terrestre, fluvial ou lacustre, e alcança, exclusivamente, bens de uso ou consumo pessoal. Não pode ser utilizada para trazer bens que, por sua natureza ou quantidade, revelem destinação comercial, tampouco produtos pirateados ou contrafeitos ou de importação proibida. Quanto ao comércio ilícito e contrabando, esses continuarão a ser combatidos rigorosamente, inclusive com o aumento de recursos, humanos e materiais, se for necessário. (Grifo nosso)

Analisando a notícia se percebe que a autoridade de fiscalização que é a Receita Federal, já reconhece que os sacoleiros adotam esta posição momentânea de turista para adentrar na Ciudad del Este e efetuar compras, não com o intuito de consumo próprio, mas sim de comércio posterior. Nesse sentido, para a posição sujeito turista, o sacoleiro faz uma aliança com o discurso de um dos AREs que, no caso das compras efetuadas no exterior, é o que tem o compromisso de fiscalizar e impor taxaço quando forem irregulares. Mesmo que em suas viagens o turista sacoleiro também pratique o turismo, essa não é a finalidade da viagem.

Embora, por mais que efetue compras para venda posterior ele acaba conhecendo lugares diferentes do que está acostumado, pois os povos que vivem em Ciudad del Este, mantêm alguns costumes característicos e essa percepção que o sacoleiro pode ter ao estar como turista, na SD17 está demonstrado isto:

E: O que é ser sacoleiro em Cruz Alta?

SD 17: A é uma coisa boa que tu viaja, é aquele momento que tu tem pra ti, só contigo, para conhecer pessoas novas também é isso[...]

O sacoleiro de Cruz Alta assume posição de turista porque também quando sai de sua cidade passa por outras cidades, conhece outras pessoas, pois alguns sacoleiros vêm até de outros Estados do Brasil e essa aglomeração de pessoas acaba aproximando os sacoleiros, por exemplo, gaúchos, catarinenses, mato-grossenses, entre de outros Estados. Estes sacoleiros turistas ainda se misturam com outras culturas que estão no e ao entorno do Paraguai.

Por outro lado, o sacoleiro cria o turista ilegal, não que ele esteja irregular para ingressar no Paraguai, mas pelo fato de não obedecer às normas regulamentadoras ele utiliza dessa posição turista como forma de ludibriar a fiscalização, tanto na ida da viagem como na volta.

Ao adentrar em Ciudad del Este o sacoleiro se porta como turista internacional e se assujeita às condições impostas, como forma de não ser reprimido pelos ARE fiscalizadores e com isso manter-se na posição turista. Assume a PS turista na sua relação, por exemplo, com a interferência da moeda americana, o dólar. Essa moeda, a mais conhecida no mundo e geralmente a mais valorizada, regula as compras e classifica o sujeito. A SD 18 identifica a situação:

E: O que representa o dólar para você?

SD 18: O dólar é a moeda que nós define lá, mas eu acho que o mesmo que lá seja tudo dolarizado a gente transforma nossa moeda, o real, e dá para tirar nossa margem igual[...]

O “dolarizado” marca o assujeitamento na posição turista e capitalista, essa SD 18 assume um misto de turista/sacoleiro, pois no final traz a afirmação margem de lucro o que reforça a utilização da posição turista para o acontecer, a emergência do sujeito sacoleiro. Esse enunciado marca bem a PS sacoleiro turista.

Essa simulação de turista que o sacoleiro utiliza para entrar em Ciudad del Este parece fazer parte de um teatro para seu acontecimento, pois suas garantias são ínfimas, vejamos na SD 19 a tristeza do sacoleiro:

E: O que mais você gostaria de dizer?

SD 19: Eu gostaria que tivesse mais segurança. Segurança a gente não tem nenhuma, no ônibus, fiscalização, lá até mesmo não tem ninguém temos que se virar.

Por isso usamos a expressão teatro, pois o que um turista espera é um local para recreação, diversão, segurança com condições. Ciudad del Este e o sacoleiro acabam fingindo um para o outro, o sacoleiro finge que é turista e Ciudad del Este se faz de cidade para turismo. Porém as condições para o sacoleiro lá são inseguras, ele não tem garantias, se torna um turista inseguro tendo em vista a situação de compra, circulação de bens e volumes de dinheiro.

Como o sacoleiro de Cruz Alta está em um lugar diferente, além dele assumir a posição turista, tem que adaptar-se em outra posição simultaneamente, na posição intérprete, já que lá se entendem, mas nem sempre falam a mesma língua, o que de fato teatraliza a relação entre sacoleiros e Ciudad del Este.

5.2.3 Sacoleiro intérprete

A grande maioria dos sacoleiros na posição que estiverem no momento não são fluentes em outras línguas e o que chama a atenção é que na hora de negociar, comprar ou até mesmo pedir um lanche, o sacoleiro acaba tendo que ser intérprete para entender e se fazer entender. Quanto a essa ideia de relação de diálogo, Orlandi (2015, p.37) subscreve o seguinte parágrafo:

Segundo o mecanismo da antecipação, de todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas

palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor.

O que Orlandi (2015) nos traz é a capacidade de antecipação para fins de argumentação e interpretação. Com os sacoleiros isso acontece, pois, o comércio, em geral em Ciudad del Este é o que podemos dizer poliglota, visto que se falam várias línguas quando se efetua a compra de algo é normal fazer a interpretação pela imagem facial do atendente ou do tipo de loja.

É normal perceber os atendentes começarem a falar entre eles através do seu dialeto, mas a interpretação pelo sacoleiro funciona conforme a situação. Assim a PS que este assume é de intérprete porque ele precisa ser entendido ali, pois busca subsistência.

O sacoleiro está em Ciudad del Este como turista então a interpretação não acontece através de conversas, os sacoleiros acabam tendo a necessidade de interpretarem através do que veem, interpretação visual, pois é um mundo diferente com leis e sinalizações por vezes distintas das que se têm no Brasil.

Podemos dizer que a Ciudad del Este é um dos poucos lugares do mundo que podemos considerar como uma nova Torre de Babel¹³, porém uma torre de babel adaptável onde você encontrará o que você procura, mas poderá demorar às vezes para entender alguns comerciantes, mas provavelmente conseguirá o que procura, basta assumir a posição sujeito intérprete do sacoleiro. Conduzido a tornar-se sacoleiro pela ideologia dominante na sociedade capitalista, o sujeito se defronta com as condições adversas ao seu ofício de negociar, impostas pela língua do outro. Nessa situação, é levado pela sua formação ideológica a ter que dizer “o que deve e pode ser dito” numa transação onde está determinado que não pode ter prejuízo.

As condições de produção de sentidos, embora diferente das que fazem partes da convivência que se dá entre falantes da língua portuguesa, precisaram ser consideradas de modo a não produzir interpretações equivocadas, pois o que está em jogo é a margem de lucro, em uma transação com moeda diferente e com falantes de outra língua, comerciantes hábeis na arte do vender a turistas/sacoleiros

¹³ O episódio da Torre de Babel é repassado a muitas pessoas que foi nesse episódio que tiveram = origem as línguas humanas.

A língua do outro, nesse caso, representa o perigo e o sacoleiro precisa entendê-la para obter sucesso na sua compra. Sujeito, língua e ideologia fazem com que uma nova PS seja assumida como condição para a continuidade do sacoleiro.

5.2.4 Sacoleiro empresário

Quando falamos da PS sacoleiro empresário esta concepção associada ao sacoleiro é uma posição forçada pelo capitalismo contemporâneo que resulta no sacoleiro em situação de empreender, importar, entre outros termos. A partir dessas ações percebemos que o sacoleiro assume essa posição sujeito. Podemos dizer que o empreendedorismo é presente desde quando o sujeito assume a condição viajante com sentido de empreender, ter uma renda extra.

Nas SD 20 e SD 21, está presente a situação de causa e efeito, na SD 20 está a causa porque é sacoleiro e na SD 21, o efeito da posição sujeito empresário.

E: Por que e como iniciou sua atividade como sacoleiro?

SD 20: A atividade como sacoleiro iniciei querendo conseguir uma renda a mais, mais um ganho, uma renda extra.

E: como se sente visto pelo comprador dos seus produtos?

SD 21: [...] Eu já vou buscar o produto destinado a esse ou aquele cliente, como por exemplo eu vejo uma bolsa lá e já tenho em mente quando estou fazendo as compras eu vou levar essa bolsa para vender para a Maria, esse tênis eu vou levar para o João, então tenho em mente o que o meu cliente precisa, o que ele vai gostar, daí é mais fácil da gente fazer a venda.

A ideologia da sociedade capitalista da SD 20 complementa ou é peça principal para o prosseguimento do empresário da SD 21. O sacoleiro age como um empresário, imaginariamente, constituindo o seu cliente e buscando significá-lo, de modo a atender as necessidades do cliente.

Na SD 22, o sujeito, já posicionado como empresário, trata da sua prática sociocultural sentindo-se como empregador que possibilita geração de empregos. Essa manifestação reafirma a PS empresário, tendo em vista o discurso que mantém a condição do sujeito empresário tem sempre a geração de postos de trabalho como aquilo “que pode e deve ser dito”, embora nem sempre produza tal efeito.

E: Qual a contribuição que você acha que faz à sociedade cruzaltense como sacoleiro?

SD 22: A gente contribui, além de tu vender o produto mais barato, teve umas épocas em que a gente tinha gente que vendia, tu ia e buscava roupa e daí dava

oportunidade para as pessoas guardarem dinheiro também, acaba gerando emprego, as vezes as pessoas tem uma renda fixa, mas aquela renda não é suficiente para aquela família e tu acaba tendo que criar outra renda e tem muitas pessoas que fazem isso, tu cria oportunidades tudo dentro de Cruz Alta.

Reafirmando a PS, o sacoleiro trata de especificar melhor as preocupações de um empresário que está preocupado com o desenvolvimento econômico do município. Assim ele busca o produto para revender, ganhar dinheiro fornece produtos para outros revenderem ele empreende, oportuniza a alguém a chance de renda, por isso ele diz que “acaba gerando emprego”. Ainda na SD 22 retomamos as contribuições de Althusser (1970) quanto à reprodução das condições de produção, um sacoleiro condicionando outro sujeito para este meio de vida é a produção fazendo a reprodução da sua própria produção, pois este sujeito que está condicionado, se achar interessante, tentará ele também assumir posição como sacoleiro, isso é o recrutamento ideológico.

Outro ponto que remete à posição de sujeito empresário são as questões logísticas que o sacoleiro enfrenta, pois ele atravessa suas compras de barco, van, táxi, carro próprio ou até mesmo nos ônibus de excursão, todas essas etapas são pensadas tendo em vista o econômico e também o discurso assumindo uma posição de sujeito empresário.

O sacoleiro assume o discurso do empreendedor e com isso se faz entender quando negocia a compra de produtos. Isso tudo na forma como acontece ação + discurso é a materialização da ideologia da sociedade capitalista tornando-o cada vez mais sacoleiro, mesmo situado na posição sujeito empresário que é parte do ciclo de acontecimentos do sacoleiro, PS carrega a contradição própria à condição de quem está em busca de sobrevivência econômica numa atividade que se colocou como a única alternativa para continuar a vida.

Se não se portar como empresário o sacoleiro pode padecer de forma negativa em seu meio de vida, pois os sacoleiros procuram o lucro, a subsistência e se não adotar cautelas como qualquer empresário pode ter o seu negócio de sacoleiro extinto por falta de planejamento de quanto vender, como vender (discurso + condições de venda) entre outros fatores que aparecem para qualquer empresário, seja da moda, alimentício, entre outros. Na SD 23 identificamos o impacto extremo que pode existir caso o sacoleiro não consiga os produtos:

E: O que representam para você os produtos que você comercializa?
SD 23: uma mercadoria é meu meio de vida e de ganhar dinheiro com essas mercadorias.

A próxima posição a ser apresentada é a PS contrabandista e fugitivo. O sacoleiro empresário se preocupa com a logística e com as suas compras, porém acontece de exceder os limites dos valores de compras na hora de voltar ao Brasil, e é neste momento que começa o seu retorno se cuidando e fugindo dos AREs. Assim se movendo para outra PS.

5.2.5 Sacoleiro contrabandista e fugitivo

O sacoleiro é facilmente associado ao contrabandista devido a seu modo de agir, a legislação brasileira define como crime de contrabando no artigo 334 do Código Penal Brasileiro:

Art. 334-A. Importar ou exportar mercadoria proibida:

Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos.

§ 1º Incorre na mesma pena quem:

I - pratica fato assimilado, em lei especial, a contrabando;

II - importa ou exporta clandestinamente mercadoria que dependa de registro, análise ou autorização de órgão público competente;

III - reinsere no território nacional mercadoria brasileira destinada à exportação:

IV - vende, expõe à venda, mantém em depósito ou, de qualquer forma, utiliza em proveito próprio ou alheio, no exercício de atividade comercial ou industrial, mercadoria proibida pela lei brasileira;

V - adquire, recebe ou oculta, em proveito próprio ou alheio, no exercício de atividade comercial ou industrial, mercadoria proibida pela lei brasileira.

§ 2º - Equipara-se às atividades comerciais, para os efeitos deste artigo, qualquer forma de comércio irregular ou clandestino de mercadorias estrangeiras, inclusive o exercido em residências.

§ 3º A pena aplica-se em dobro se o crime de contrabando é praticado em transporte aéreo, marítimo ou fluvial.

O que o artigo prevê, aplicando ao sacoleiro, justificaria o porquê dele ser chamado de contrabandista em algumas situações, pois o sacoleiro por vezes importa suas mercadorias de forma clandestina, não as registrando para não incidir impostos, também acaba expondo para venda as mercadorias que geralmente entram de forma ilícita ou têm destino não autorizado para o comércio. Mercadorias que comprou, muitas vezes, na posição turista que, como já vimos, tem regulamento específico.

Essa situação de tratamento com desconfiança é identificada na SD 24, na qual as AREs fazem de sua alegação uma forma de coagir, maltratando ou amedrontando o sacoleiro, apontando-lhes o lugar de contrabandista:

SD 24: claro eles estão ali fazendo o serviço deles, por exemplo eles te abordam e daí vão ver como que está tua mercadoria, se está tudo dentro da lei, as vezes tem

uns que fazem gracinha, que nem eu trouxe um jogo de mala e pouquinha mercadoria e daí tinha dois agente, daí um pediu meus documentos e olhou a mercadoria para ver se eu tava dentro da cota, daí no jogo de mala ele começou a abrir e dizer “Está aqui o pote de ouro”, daí foi abrindo o jogo de mala porque umas quantas, quando chegou na última pequena e viu que não tinha nada e disse “Está liberado, pode ir embora”, daí viu que não tinha pote de ouro nenhum, tava desconfiado.

Nessa SD, através do discurso relatado direto, ou seja, conforme aponta Dorneles (2005), pela fala do sacoleiro que traz as palavras literais do outro, nesse caso do agente de fiscalização, o sujeito enunciador faz crer que está dizendo a verdade acerca do comportamento repressivo do agente. Desse modo, o ato de fiscalização feito sob essas afirmações remete o sujeito para o lugar contrabandista. As posições imaginárias estão sempre presentes nas situações de diálogo e durante as abordagens e fiscalizações feitas na fronteira ou nos postos da Receita Federal a imagem do sacoleiro, para o fiscal, já está formada.

O sacoleiro é, assim, um sujeito pré-rotulado pelos AREs, é tratado como se a lógica fosse estar errado e não como sujeito procurando alternativa para seu sustento, o termo “gracinha” na SD 24 é a forma de tratamento que inferioriza o sacoleiro. O temor que o sacoleiro tem de perder suas mercadorias faz com que fuja desses AREs e acabe arriscando também nas viagens, como se fosse sempre a última viagem.

A ideia do sacoleiro contrabandista condiciona o surgimento da posição sujeito de sacoleiro fugitivo, as duas posições têm seu acontecimento de forma muito parecidas, dessa forma optamos por trazê-las num mesmo item, Cardin (2006, p. 7-8) nos apresenta o seguinte:

[...] A justificativa para a pressa dos sacoleiros é simples, quanto mais rápidas as viagens mais vezes eles podem repetir o percurso durante a semana, carregando um volume maior de mercadorias. Porém, podem existir outras possibilidades explicativas para as inúmeras viagens realizadas, para a velocidade em que o serviço é efetivado e para o pouco tempo de descanso dos trabalhadores, possibilidades que tendem a estar relacionada com a fiscalização da Polícia Federal. Primeiramente, constatamos que os sacoleiros ao realizarem várias vezes o percurso entre as suas cidades de origem e Foz do Iguaçu aumentam consideravelmente as chances de serem ‘parados’ pela polícia, mas também aumentam na mesma proporção as chances concretas de aumentarem a lucratividade da ocupação ao conseguirem passar de uma única vez um número maior de mercadorias.

Essa citação marca o ponto de partida para o sujeito sacoleiro fugitivo. Após as compras a única coisa que quer é retornar ao seu destino sem ter nenhum tipo de perda durante a fiscalização da Receita Federal ou as polícias estaduais e federais ao longo dos destinos. Essa situação apresentada com uma pressa descomunal dos sacoleiros em suas compras nos leva a trazer a velha máxima “quem não deve não teme” e nessas situações os sacoleiros acabam tentando fugir (retornar) o mais rápido possível porque geralmente

transgridem normas em suas compras, seja pela quantidade ou por possuírem produtos indevidos.

Essa situação de fiscalização constante ao sacoleiro é porque se assume na posição contrabandista, ele mesmo sente que está nesta posição ilegal, vejamos o enunciado da SD 25:

E: O que mais você gostaria de dizer?

SD 25: Queria que mudasse, a gente queria, mas não mudam não adianta o negócio é arriscar e ir, rezar e vir embora com a mercadoria, só deus para ajudar, mudar encima da cota, menos fiscalização, espero que sirva para alguma coisa.

Ninguém se arrisca, se estiver de forma regular, nessa condição sacoleiro digamos que comprar de forma razoável e aceitável sem o exagero de extrapolar da cota em suas bagagens de mercadorias, esse arriscar remete ao enfrentar as adversidades como os AREs, pedir menos fiscalização, só pede aquele que está errado e o sacoleiro ao fazer esse pedido assume a posição de contrabandista.

A presença do AIE religioso se apresenta condição como confissão de que sabe da sua condição fora da lei, por isso precisa de proteção divina como último recurso para salvá-lo, csacar seu investimento financeiro do confisco pelos representantes dos AREs, bem como a sua condição de sujeito que assume até posição de empresário. Ser pego em delito fará, não só discursivamente, a passagem para a posição social de “fora da lei”. O resultado da fiscalização dos AREs quando o sacoleiro está errado é sabido pelos mesmos, observamos a SD 26.

E: O que mais gostaria de dizer?

SD 26: [...] quando acontece de nos pegarem nos levam para Santa Maria ou Santo Ângelo e nos tratam como se fossemos marginais, mas e será que somos marginais? Nós não estamos roubando, nós estamos contrabandeando, é contra a lei? É, mas tem tanta coisa que é contra a lei que não é bem fiscalizada.

A marginalização do sacoleiro é a mistura da condição dos seus atos mais a designação social. Eles próprios se identificam como errados, porém por ser essa atividade seu meio de vida eles buscam serem compreendidos na sua forma de acontecer, como sacoleiros.

Vista a posição sujeito sacoleiro contrabandista/fugitivo resta apresentar mais uma posição desse ciclo do sacoleiro, pois ainda há a necessidade de chegar ao seu destino (Cruz Alta) com mercadoria e efetuar a venda, ou seja, a comercialização dos seus produtos.

Se não comercializar os seus produtos pode acabar abandonando o modo de vida, pois se não efetuar a venda não terá lucro, logo não terá giro de capital e não viajará novamente.

5.2.6 Sacoleiro comerciante

A última posição sujeito assumida nesse ciclo sacoleiro, pode se dizer que é a que dá mais prazer ao sacoleiro, pois isso quer dizer que chegou ao seu destino com as suas coisas para vender, essa posição de comerciante é uma posição extrema, ou seja, é a posição chave para o sacoleiro obter sucesso e garantir que poderá melhorar ou manter esse estilo de vida, vejamos a SD 27, SD 28 e SD 29:

E: descreva como é a sua atuação como sacoleiro?

SD 27: É eu busco, vendo parcelado, pego pra mim também é assim.

E: o que representam para você os produtos que você comercializa?

SD 28: É uma satisfação a gente vender os produtos e usar também né, muitas vezes a gente está com o produto e mostra pros clientes “Ó esse aqui eu tenho pra vender se vocês precisarem”, aí a gente vai e busca mais.

E: Como você se sente quando comercializa seus produtos?

SD 29: Quando vendo e consigo receber é bom eu sei que um dinheiro garantido ali pra renda de casa e eu vou colocar pra ir de novo, quando não recebo é complicado.

Essas sequências discursivas demonstram a necessidade de assunção da PS como o ápice do sujeito sacoleiro, como outro comerciante qualquer, criando condições para vender seus produtos; na SD 28 demonstra o prazer do capitalismo com a satisfação de vender seus produtos e também a possibilidade de arrecadar dinheiro para buscar mais; na SD 29 também há o prazer da venda, notamos a importância do destino do dinheiro já que o ganho com a venda é para a renda de casa, nesta SD 29 há também o efeito colateral prejudicial a posição comerciante do sacoleiro quando este expressa “Quando não recebo é complicado”, é complicado porque o sacoleiro vende a outro sujeito que é o seu cliente e esse último não dá o retorno financeiro. E aqui percebemos que não são só os AREs que podem interferir na vida do sacoleiro, clientes ruins podem ser determinantes ao sujeito nesse meio de vida.

Como seus clientes também estão condicionados a uma ideologia dominante capitalista, estes seguem as regras impostas pelo estado, vejamos a SD 30:

E: A vida de sacoleiro é rentável economicamente?

SD 30: [...] também tem aquele outro lado que tu acaba perdendo o dinheiro, é aquela coisa tu não é legalizado, o cliente não te pagou vou botar no SPC? Não dá, é no fio do bigode, na confiança, tem que ter paciência.

O interessante é que o SPC¹⁴, por exemplo, é um meio de cadastro para comércios legalizados no Estado capitalista, isso quer dizer se por um lado o sacoleiro se esquia da fiscalização do Estado, por outro lado, por não estar numa situação de legalidade, ele não pode utilizar-se desses meios de proteção ao comerciante.

Assim para terminar esses ciclos de posições que o sacoleiro assume, devemos observar que todo o ciclo é forçado pela ideologia capitalista, do aventureiro até o comerciante. A ideologia capitalista dominante molda o sacoleiro colocando-o na condição de procurar subsistência e avançar para obter mais estabilidade econômica até chegar a fazer parte da classe empresarial mais abastada.

O início da atividade de sacoleiro e a variedade de posições que assume para poder manter-se como sujeito sacoleiro, trazem para a formação social capitalista elementos resgatados da memória dos atos marginalizados pela sociedade. A assunção da posição de contrabandista pode causar certa perturbação àqueles que tratam de comercializar de forma totalmente lícita, entretanto, essa posição está presente na formação social capitalista. O que o sujeito sacoleiro faz de diferente é assumi-la como aquilo que “pode ser dito e pode ser feito”, talvez por isso nos seja permitido apontar que o sujeito sacoleiro provoca mudanças nas práticas socioculturais relativas ao comércio. Por enquanto fechamos as posições sujeito do sacoleiro englobando uma mistura de influências e intenções na SD 31:

E: a vida de sacoleiro é rentável economicamente?
SD 31: sabendo vender dá lucro.

O capitalismo busca lucro, logo, lucro é sobrevivência para o sacoleiro, por isso os riscos que o sujeito sacoleiro de Cruz Alta se expõe são imensos simplesmente para que possa manter a vida, mas com a ilusão, muitas vezes, de que chegará a fazer parte do grupo de empresários cruz-altenses.

¹⁴ SPC: Serviço de Proteção ao Crédito

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho em AD requer muito tempo e atenção do pesquisador, porém a descoberta de que há sentidos no que não foi dito, no oculto, é um acontecimento ímpar. Essa característica da Análise do Discurso de nos remeter ao ideológico como comportamento discursivo que regula os limites do sujeito, quando este se manifesta significando, interpretando e simbolizando, dá uma base consistente para que possamos finalizar o trabalho alcançando os objetivos.

A apresentação necessária do histórico do sujeito de nossa pesquisa, o sacoleiro, um grupo contemporâneo com ares de fenômeno social que marca seu tempo e espaço como acontecimentos no exterior e no Brasil, nos mais diferentes municípios nos trouxe a compreensão do acontecimento histórico. O nosso sacoleiro de Cruz Alta tem se mostrado atuante e vem marcando seu espaço, ainda que haja muito preconceito. Seu comércio de mercadorias se tornou opção considerável no consumo cruzaltense e ser sacoleiro está virando opção de muito trabalhadores, pais de família, jovens, entre outros. Ele está presente no cotidiano do município, Cruz Alta que já foi local para passagem de bandeirantes que buscavam o gado xucro para comercializar no Estado de São Paulo, hoje tem uma parte de seus cidadãos fazendo o caminho inverso e saindo em busca de produtos para comercializar em Cruz Alta.

O sujeito sacoleiro de Cruz Alta está se moldando, conforme os anseios consumistas da sociedade. Ele é alguém que extrapolou alguns limites e para melhor compreender, trazemos Bauman (2013) quando se refere à passagem da parábola inglesa, em que a cultura deveria comportar-se tal como o naufrago da parábola, aparentemente irônica, mas de intenções moralizantes. O naufrago foi obrigado a construir três moradias na ilha deserta em que havia naufragado para se sentir em casa, ou seja, para adquirir uma identidade e defendê-la com eficácia. A primeira residência era seu refúgio privado; a segunda, o clube que frequentava todo domingo; a terceira tinha a função exclusiva de ser o lugar cujo portão ele evitaria cruzar em todos os longos anos que deveria passar na ilha.

Ora, relacionando a situação do sujeito da ilha ao sujeito sacoleiro da pesquisa concluímos, que o sacoleiro é uma identidade cada vez mais reconhecida, porém, por vezes, negada, por muitos que a praticam, ainda mais se classificados como informais ou ilegais. Por outro lado, há aqueles que assumem esta identidade como sacoleiros e defendem seu posicionamento, geralmente na informalidade, baseados nas deficiências sociais do Estado, como falta de emprego, condições desumanas, má distribuição de riqueza.

Isto faz com que o sujeito busque alternativas para sanar seus anseios e atender as necessidades suas e do próprio capitalismo, precisando assim de fontes alternativas de renda como a atividade de sacoleiro.

O contraste da situação do sacoleiro de Cruz Alta comparando as três moradias da ilha, pode-se dizer que o sacoleiro sofre o efeito da seguinte forma. Na primeira residência, o refúgio privado, dizemos que o sujeito sacoleiro, é por vezes sujeito com emprego legalizado, mas informalmente é sacoleiro que atua ultrapassando a cota, fugindo da fiscalização, se arriscando, ou seja, o refúgio privado é diferente na vida de cada sacoleiro, pois cada um tem suas características individuais enquanto sujeito.

A segunda situação da ilha quanto ao clube que frequenta todo domingo, percebemos que o sacoleiro de forma prática passa por esta etapa, uma vez que é geralmente nos finais de semana que os sacoleiros cruzaltenses partem em busca do comércio em Ciudad del Este, nesse ponto nos parece que os sacoleiros de Cruz Alta vão ao Paraguai como se lá fosse o clube de encontro de sujeitos sacoleiros vestidos de turistas que aos fins de semana se encaminham ao destino de compras e lá como se fosse um clube de sacoleiros dos mais diferentes locais falando línguas por vezes diferentes, pratica as mesmas ações: a compra de produtos para revender.

Na última posição abordada por Bauman (2013) quanto ao portão que ele evitaria cruzar em todos os longos anos que deveria passar na ilha, este portão na vida dos sacoleiros cruzaltense é a informalidade como ilegalidade, pois, a maioria dos sacoleiros contrabandeam de forma ilegal produtos do Paraguai, então o sujeito sacoleiro utilizando de outras posições sujeito, ultrapassa os limites além do portão, ou seja, ultrapassou o que as leis do Estado entendem ser uma conduta indevida e condenável.

Esse buscar econômico faz do sacoleiro um agente social limitado e esquecido. O Estado faz o controle desse grupo como forma de inibir essa atividade de forma genérica, pois o sujeito é reprimido por fiscalização, tributação, é agente social visto que integra e interage com outros cidadãos do município, ele se torna referência em alternativa de consumo.

O que nos deixou inquietos para estudar o sujeito sacoleiro de Cruz Alta é que eles aumentaram, seja por necessidades diversas ou como meio único de subsistir do sujeito, pois há fatores que empurram o sujeito a esse meio de vida. Esses fatores não estão explícitos, mas presentes nos enunciados do sacoleiro. Dizemos isso porque acreditamos que o analisar do discurso pela AD nos conduz a interpretar nos enunciados dos sacoleiros os pontos cruciais de sua constituição, no município de Cruz Alta.

O ponto de partida do sacoleiro de Cruz Alta são suas condições econômicas, o sujeito é pressionado pelo capitalismo a procurar uma forma de se adaptar às regras da sociedade que o capitalismo controla, ou seja, o capitalismo molda as regras, cobra a adaptação, mas não lhes fornece as condições para que todos se adaptem, e ainda por cima pune aquele que tentar se adaptar ao capitalismo fora das regras impostas.

Nas SDs, o sacoleiro deixa visível que a busca por uma condição de vida melhor e estabilidade são seus objetivos. Também outros fatores interessantes aparecem como o fato de muitos verem a viagem como lazer, viagens que cada vez mais estão ficando mais perigosas. As condições dos ônibus não são das melhores, a sensação de insegurança é constante de Cruz Alta até Ciudad del Est e também o retorno de Ciudad del Este até Cruz Alta, se na ida o sacoleiro é atrativo de bandidos pelos montantes de dinheiro que carregam, na volta eles devem se cuidar a fim de evitar a fiscalização do Estado.

Cruz Alta está em um quadro social instável, isso leva o sacoleiro de Cruz Alta, na intenção de se manter na sua terra, a procurar alternativas de conseguir as condições socioeconômicas para sua vida e permanência. Essas necessidades de melhores condições socioeconômicas são encontradas no discurso do sacoleiro, onde ficou demarcada a história da constituição dos sacoleiros, sendo a ideologia capitalista responsável pelo surgimento desse fenômeno social.

No discurso dos sacoleiros ficou demonstrado que não foi a primeira opção tornar-se sacoleiro, foi uma alternativa. Todos estão assujeitados ao ideológico capitalista, mas não na parte cômoda do capitalismo, estão nas margens da sociedade formal capitalista. Isso demonstra-se como fato de que eles não têm a representação ou organização social. No discurso do sacoleiro, necessidade que o capitalismo lhe impôs é o seu marco de existência, é dali que o sujeito inova para se adequar ou subsistir.

Já que os fatores de formação do sujeito sacoleiro estão demonstrados, os quais foram extraídos da história, da sua ideologia, do seu discurso e das suas condições socioeconômicas, nos cabe definir por fim quem é o sujeito sacoleiro do município de Cruz Alta.

O sujeito sacoleiro de Cruz Alta é um sujeito com necessidades econômicas e sociais, que adotou uma ideologia capitalista em uma forma de vida alternativa, ele olha essa atividade de sacoleiro como essencial é dali tira o seu amparo, conta mais com os ganhos da sua atividade informal do que com o apoio Estatal. O sacoleiro de Cruz Alta, por vezes, alterna entre o legal e o ilegal, pois muitos têm emprego, mas não largam da vida alternativa. O sacoleiro de Cruz Alta é aquele que se constitui com um discurso positivo da atividade, vê nela uma alternativa viável para enfrentar o Estado com suas cobranças excessivas de

imposto. Ele também alimenta os anseios consumistas seus e dos seus clientes, o sacoleiro não tem hora para atender seus clientes, arrisca uma venda ainda na palavra, aquela sem a necessidade de avalistas e fiadores, e por isso, por vezes, perde financeiramente. O sacoleiro de Cruz Alta é aquele que consegue maquiagem o status social de algumas pessoas, os produtos dos sacoleiros fazem uma produção corporal com reflexo social, com seus produtos piratas, mas que são fieis as marcas e desenhos com preços muito acessíveis. Ele pede segurança nas estradas, mas aceita condições insalubres e perigosas em suas viagens, entretanto acredita que um dia tudo muda para melhor; O sacoleiro de Cruz Alta se apega ao descaso do Município, Estado e União com as condições sociais para justificar sua atividade/meio de vida em Cruz Alta.

Alcançados os três primeiros objetivos propostos, nessa dissertação, cabe afirmar que uma alternativa fácil para a legalização do sacoleiro da forma como os próprios demonstraram querer é complicado. O que se sugere a este grupo, que é um fenômeno social, é se organizarem para tentar aumentar a amplitude de aquisição de materiais através da lei da RTU; tentar montar através de grupos uma proposta escalonada e viável quanto à taxação de produtos para apresentá-la aos políticos que respondem pelo poder legislativo do Estado.

Assim, alcançamos o que foi proposto e prometido, terminamos dizendo que o sacoleiro de Cruz Alta é um sujeito que apresenta no seu discurso seus anseios e frustrações da atividade, porém com um pensamento certo de que, se um dia for bem-sucedido nas suas vendas, poderá mudar, ter uma vida que dizem normal com ganhos econômicos de patamares elevados. O que na verdade procuram é a sonhada estabilidade econômica, a condição mágica do estilo de vida capitalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIUB, Giovani Forgiarini. Arquivo em Análise do Discurso: uma breve discussão sobre a trajetória teórico metodológica do analista. Revista Leitura nº 50. PPGLL: Maceió, 2012. ISSN Eletrônico 2317-9945.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1970.

BALTAR, Ronaldo. Roteiro para elaboração do Projeto de Pesquisa. Importância do Projeto. Texto de Orientação Para o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Londrina-PR: UEL, 2000.

BARROSO, Véra Lucia Maciel et all (Orgs.). **Bom Jesus e o Tropeirismo no Cone Sul**. Porto Alegre: Edições EST, 2000.

BAUMAN, Zygmund; tradução Carlos Alberto Malheiros. A Cultura no Mundo Líquido Moderno.- 1. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2013

BRASIL. Código Penal. Vade Mecum Saraiva. Ed. Saraiva, 2010.

CARDIN, Eric Gustavo. **Sacoleiros e “Laranjas” na Tríplice Fronteira: um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo**. 30º Encontro Anual da ANPOCS. 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/99027>> Acessado em 15 de janeiro de 2016.

CÂMARA DE VEREADORES DE CRUZ ALTA. **História**. Disponível em <<http://www.camaracruzalta.rs.gov.br/nossa-cidade/historia/>> Acessado em 10 de julho de 2016.

CARVALHO, Maria Cecília M. de (ORG). Construindo o saber. 14ª ed. Campinas, SP: Papirus 2003.

COLUSSI, Joana. **Em Cruz Alta, renda per capita cresce no ritmo de grandes cidades** - 2013. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/campo-e-lavoura/noticia/2013/12/em-cruz-alta-renda-per-capita-cresce-no-ritmo-de-grandes-cidades-4369572.html>> Acessado em 11 de julho de 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens. Langages, Paris, Larousse, número 62, 1981.

DORNELES, Elizabeth Fontoura. **DA GERMINAÇÃO DA SEMENTE À COLHEITA DO GRÃO: análise do funcionamento das relações de identificação na formação discursiva dominante do assentado**. DISSERTAÇÃO. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. **A dispersão do sujeito em lugares discursivos marcados**. TESE. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ELIAS, Norbert; SHRÖTER, Michael (Org.). **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro; GODOY, Ana Boff. et al. **Glossário de termos do discurso: projeto de pesquisa: A aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2001.

FERREIRA, Lucia Maria Alves. **Discurso, Imagem e Redes de Sentido: quando o acontecimento jornalístico escreve a história do presente** – 2009. IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso. Disponível em <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/LuciaMariaAlvesFerreira.pdf>> Acessado em 20 de julho de 2016.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia 6ª ed**. Araraquara: Ed. Ática, 1998.

FONTANA, Mônica Graciela Zoppi. **É o nome que faz a fronteira**. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M.C. (orgs.) Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999, p. 202-215.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER - FEE. **Município: Cruz Alta**. Disponível em <<http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/municipios/detalhe/?municipio=Cruz+Alta>> Acessado em 01 de setembro de 2016.

Google Imagens. **Multiposicionamentos do sacoleiro**. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=compra+e+contrabando+paraguai&espv=2&biw=1366&bih=667&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiJnpCK8PXOAhXDfZAKHZfrCPMQ_AUICSgE> Acessado em 31 de agosto de 2016.

Google Maps. **Rota percorrida do sacoleiro de Cruz Alta, no Brasil até Ciudad Del Este, no Paraguai**. Disponível em <<https://www.google.com.br/maps/dir/Cruz+Alta,+RS/Ciudad+del+Este,+Paraguai/@->

26.8260058,-
 56.6941281,7z/data=!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x94fd962af931d469:0xfca029b2de6a7c51!2
 m2!1d-53.605355!2d-
 28.6454883!1m5!1m1!1s0x94f68499feb6b1d1:0xce33cb9eeb700b1e!2m2!1d-
 54.6753231!2d-25.5085286!5i2?hl=pt-BR> Acessado em 05 de abril de 2016.

MACHADO, Rosana Pinheiro. **A Garantia soy yo**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4552/000457603.pdf?sequence=1>> Acesso em 04 de janeiro de 2016.

MOREIRA, Assis. **Brasil tem a maior carga tributária da América Latina, diz OCDE - 2015**. Disponível em <<http://www.valor.com.br/brasil/3946654/brasil-tem-maior-carga-tributaria-da-america-latina-diz-ocde>> Acessado em 24 de agosto de 2016.

MOREIRA, Kênia Hilda; GOIS, Marcos Lucio de Sousa. **Influência de Boaventura de Sousa Santos em Pesquisas em Educação no Brasil**. Revista Travessias. Vol. 1. N.1. 2007. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2742>> Acessado em 09 de julho de 2016.

MUNICIPALIDAD DE CIUDAD DEL ESTE. **História**. Disponível em <<http://www.mcde.gov.py/vistas/historia.php>> Acessado 20 de junho de 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu funcionamento – as formas do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 1996.

PASINATTO, Rubiamara. **O PODER SIMBÓLICO DO LIXO: a (re)-emergência do sujeito excluído pelo urbano. DISSERTAÇÃO**. Passo Fundo: UPF, 2014.

PÊCHEUX, Michael. **Ler o arquivo hoje**. In: ORLANDI, Eni (org.). Gestos de leitura. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2010.

_____. **Análise de Discurso**. Michel Pêcheux: Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi – 4ª Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

RABOSSI, Fernando. **Dimensões da espacialização das trocas – a propósito de *mesiteros* e *sacoleiros* em Ciudad del Este.** Revista do Centro de Educação e Letras, vol. 6, Foz do Iguaçu, Paraná, 2004. Disponível em <<http://unbral.nuvem.ufrgs.br/base/items/show/331>> Acessado em 10 de abril de 2016.

RASSI, Amanda Pontes. **Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das vadias”.** Revista de História da UEG. V. 1, N.1. jan/jun 2012. UEG: Goiás, 2012. ISSN on-line 2316-4379

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Pedrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Juliana da. **Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do Discurso Político Ordinário no Twitter.** Maringá, PR: UEM, 2015. Disponível em <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/jsilveira_do.PDF> Acessado em 16 de abril de 2016.

Veja. **Receita fixa regras para regularizar sacoleiros – 2012.** Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/receita-fixa-regras-para-regularizar-sacoleiros>> Acessado em 18 de junho de 2016.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imagário Urbano: espaço de rememoração/comemoração.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

WEBLER, Darlene Arlete. **A autogestão na perspectiva da Análise do Discurso.** São Carlos: Pedro e João editores, 2010.

WOJCIECHOWSKI, Guilherme. **Paraguai é lanterna em IDH na América do Sul.** Disponível em:<<http://sopabrasiguaia.blogspot.com.br/2010/11/paraguai-e-lanterna-em-idh-na-america.html>> Acessado em 02 de setembro de 2016.

ANEXOS

ANEXO – A

Roteiro de entrevista aos sacoleiros no município de Cruz Alta - RS como objeto de realização do trabalho “A formação e atuação do sujeito sacoleiro vendedor de produtos oriundos do Paraguai no município de Cruz Alta na perspectiva da análise do discurso de linha francesa (AD)”.

MESTRADO EM PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA

ORIENTADORA: Professora Doutora Elizabeth Fontoura Dorneles

MESTRANDO: Pedro Henrique Müller Amorim

1. POR QUE E COMO INICIOU SUA ATIVIDADE COMO SACOLEIRO?
2. COMO VOCÊ SE SENTE VISTO PELO COMPRADOR DOS SEUS PRODUTOS?
3. COMO VOCÊ SE SENTE VISTO PELA SOCIEDADE CRUZALTENSE?
4. PARA VOCÊ, SACOLEIRO É UMA ATIVIDADE OU UM MEIO DE VIDA?
5. DESCREVA COMO É A SUA ATUAÇÃO COMO SACOLEIRO?
6. VÊ-SE EM UMA ATIVIDADE/CONDIÇÃO DE VIDA SEGURA? POR QUÊ?
7. O QUE REPRESENTA O SEU CLIENTE PARA VOCÊ?
8. O QUE REPRESENTA A SOCIEDADE CRUZALTENSE PARA VOCÊ?
9. O QUE REPRESENTAM PARA VOCÊ OS PRODUTOS QUE VOCÊ COMERCIALIZA?
10. A VIDA DE SACOLEIRO É RENTÁVEL ECONOMICAMENTE?

11. QUAL A CONTRIBUIÇÃO QUE VOCÊ ACHA QUE FAZ À SOCIEDADE CRUZALTENSE COMO SACOLEIRO?
12. O QUE MAIS INFLUÊNCIA NA VIDA/ATIVIDADE DE UM SACOLEIRO?
13. QUE REPRESENTA O DÓLAR PARA VOCÊ?
14. COMO VOCÊ SE SENTE QUANDO COMERCIALIZA SEUS PRODUTOS?
15. QUAL O MAIOR PERIGO NESTA ATIVIDADE DE SACOLEIRO?
16. QUAL O MAIOR BENEFÍCIO POR VOCÊ SER SACOLEIRO?
17. COMO OS AGENTES FISCALIZADORES DA FRONTEIRA E DO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA TRATAM VOCÊ POR SER SACOLEIRO?
18. VOCÊ GOSTARIA DE ABANDONAR ESTA ATIVIDADE DE SACOLEIRO?
19. POSSUI CONHECIMENTO DE ALGUMA POSSIBILIDADE DE CONTRIBUIÇÃO DE INSS NA CONDIÇÃO DE SACOLEIRO?
20. JÁ OUVIU FALAR NA LEI DA RTU “A LEI DOS SACOLEIROS”?
21. JÁ OUVIU FALAR DE ALGUMA ASSOCIAÇÃO OU MOVIMENTO PRÓ-SACOLEIROS?
22. O QUE É SER SACOLEIRO EM CRUZ ALTA?
23. O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE DIZER?

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Eu, tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo de Mestrado NA formação e atuação do sujeito sacoleiro vendedor de produtos oriundos do Paraguai no município de Cruz Alta - RS na perspectiva da análise do discurso de linha francesa (AD)”, recebi do (a) Sr. PEDRO HENRIQUE MÜLLER AMORIM responsável pela sua execução do estudo as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo se destina: A REALIZAÇÃO DO TRABALHO DE DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL.

Qual a importância deste estudo: SERÁ POSSÍVEL IDENTIFICAR COMO SE CONSTITUEM OS SACOLEIROS NO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA

Quais resultados o pesquisador deseja alcançar: OS RESULTADOS SÃO OS SEGUINTEs, COMO SURGEM E COMO ATUAM OS SACOLEIROS NO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA

Quando esse estudo começa e termina: COMEÇA NO 1º SEMESTRE DE 2016 E TERMINARÁ NO 2º SEMESTRE DE 2016

Que o estudo será feito da seguinte maneira: SERÁ FEITA UMA ENTREVISTA COM AS PESSOAS QUE TRABALHAM COM PRODUTOS ORIUNDOS DO PARAGUAI QUE SE ENTENDEM COMO SACOLEIROS, ESTAS ENTREVISTAS SERÃO GRAVADAS EM SUAS RESPOSTAS POSTERIORMENTE DEGRAVADAS.

Que eu participarei das seguintes etapas: VOCÊ ESTÁ PARTICIPANDO DA ETAPA COMO FONTE DE DADOS PARA ANÁLISE DAS REPOSTAS DADAS EM ENTREVISTA QUE SERÃO TRATADAS COMO DISCURSO

Que os desconfortos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: SE ALGUM DAS PERGUNTAS ESTIVEREM DE FORMA QUE O ENTREVISTADO NÃO SE SENTIR À VONTADE, PODERÁ NÃO RESPONDER.

Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: NÃO HÁ RISCOS A SAÚDE.

Que terei a (s) seguinte (s) assistência (s): CASO HAJA NECESSIDADE DE ASSISTÊNCIA PARA O ENTREVISTADO, ESSA SERÁ PROVIDENCIADA NA MEDIDA DO POSSÍVEL PELO ENTREVISTADOR.

Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: O TRABALHO BUSCA DEMONSTRAR UMA REALIDADE SOCIAL POR VEZES ESQUECIDA, QUANDO DA ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS ASSISTENCIAIS PARA OS SACOLEIROS

Que a minha participação será acompanhada do seguinte modo: SE ATÉ O ENCERRAMENTO DA PESQUISA SURGIR ALGO NOVO OU QUE A QUALQUER MOMENTO O ENTREVISTADO PODERÁ RECUSAR A CONTINUAR PARTICIPANDO DO ESTUDO, E TAMBÉM QUE PODERÁ RETIRAR SEU CONSENTIMENTO, SEM QUE ISSO LHE TRAGA QUALQUER PENALIDADE OU PREJUÍZO.

Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo: O ENTREVISTADO PODE A QUALQUER MOMENTO PEDIR ESCLARECIMENTO DURANTE A ENTREVISTA OU POSTERIOR A ELA SE ALGO NÃO FICOU CLARO A ELE.

Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Que não receberei nenhum tipo de recurso financeiro pela participação no estudo da mesma forma que não terei nenhum gasto com a realização do mesmo.

Que eu serei indenizado por qualquer dano comprovado que venha a sofrer com a participação na pesquisa.

Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço do responsável pela pesquisa: Instituição: Unicruz
Nome: Pedro Henrique Müller Amorim
Endereço: Rua Marechal Floriano Peixoto, nº281, apartamento 204, bairro Ipiranga, na cidade de Frederico Westphalen.
CEP: 98400-000

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Campus Universitário Dr. Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Méa, km 5.6 - Parada Benito - CEP 98.005-972
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta Prédio Central 2º andar
Telefone 55 3321 1618

Cruz Alta ___ de _____ de 2016

<p>_____ Assinatura ou impressão datiloscópica do (a) voluntário (a) ou responsável legal e rubricar as (Rubricar as demais páginas)</p>	<p>_____ Nome e assinatura do responsável pelo estudo (Rubricar as demais páginas)</p>
--	--